

APLICAÇÃO DO
**MODELO DE
ZONEAMENTO
MORFOLÓGICO-
FUNCIONAL** PARA O
ESTUDO DO ESPAÇO
INTRAURBANO DE CIDADES
MÉDIAS: ANÁLISE DA
CIDADE DE VIÇOSA-MG.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA – UFV
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA – DGE

ÍTALA LUZIA DE ANDRADE – NOVEMBRO, 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA - UFV
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES- CCH
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - DGE

ÍTALA LUZIA DE ANDRADE

Aplicação do modelo de zoneamento morfológico-funcional para o estudo do espaço intraurbano de cidades médias: análise da cidade de Viçosa-MG.

VIÇOSA – MG
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA-UFV
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES-CCH
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA - DGE

ÍTALA LUZIA DE ANDRADE

Aplicação do modelo de zoneamento morfológico-funcional para o estudo do espaço intraurbano de cidades médias: análise da cidade de Viçosa-MG.

Monografia apresentada sob a orientação do Prof. Wagner Barbosa Batella. Como exigência para conclusão do curso de Geografia na modalidade bacharelado na disciplina Monografia – GEO 484, coordenada pelo Prof. Gustavo Soares Iorio.

VIÇOSA - MG
2015

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Wagner Barbosa Batella
Orientador
DGE – UFV

Prof.^a Dr.^a Maria Isabel de Jesus Chrysostomo
Avaliadora
DGE - UFV

Prof.^a Dr.^a Regina Esteves Lustoza
Avaliadora
DAU – UFV

As pessoas têm estrelas que não são as mesmas. Para uns, que viajam, as estrelas são guias. Para outros, elas não passam de pequenas luzes. Para outros, os sábios, são problemas.

Antoine de Saint-Exupéry

Se quisermos entrar no coração das coisas, precisamos alcançar a simplicidade. Quanto mais a proposta de simplicidade tomar conta de nós, mais possibilidades teremos de ser uma resposta favorável ao mundo.

Padre Fábio

AGRADECIMENTOS

Antes de nomear as pessoas que fizeram parte deste trabalho é preciso agradecer aquele que não se concretiza na vida terrena, que está acima de todas as coisas e que me guia, Deus. Ainda na esfera da divina agradeço a Santa Luzia, que além de me conceder seu nome, é fonte de luz em minha vida e abençoa minha visão.

Este trabalho é fruto do apoio de pessoas queridas que além de me incentivar a nunca desistir me edificam e são motivação para caminhar. Dedico a concretização desta empreitada aos meus pais, Ivair e Ieda, e ao meu irmão Ian, que são a base sólida de amor que me alicerça. A Vó Tereza e a Tia Fia (in memoriam) que cuidaram de mim e do Ian quando nossos pais precisaram se ausentar para o trabalho e nos deram a oportunidade de crescer num ambiente confortável de carinho. Ao Tio Marlon e a Tia Edilene (que nunca deixarei de chamá-los assim) pelo apoio incondicional em todos os meus sonhos. Ao Dudu, que hoje já me ultrapassa em altura, e que é meu leal companheiro das férias em Guarapari ou SP. A Sabrina por ter o sorriso mais lindo nos meus finais de semana em casa.

Importantíssimos também foram os amigos e amigas. Aquelas que dividiram teto, coração e contas Tatá, Lelê e Cicy. Aqueles que são parte de minha vida a muito tempo e nunca deixaram de estar presente mesmo com a distância Pri, Fran, Jé, Pablo e Rafael. Os amigos que a GEO me trouxe. A panelinha; Biel, Maíra, Victão, Roberson, Bia, Edilson, Xisto, Saymon, Galvão e Nael. Fieis parcerias que auxiliaram na troca de experiências, que dividiram as angústias e incertezas deste momento e companheiros incessáveis na modalidade “copo”. Aqueles que me ajudaram nos trabalhos de campo Biel, Victor, Galvão e Samarane, minha gratidão. Ao Allan, que mesmo chegando aos 45 do segundo tempo, foi o abraço mais acolhedor nos meus momentos de crise.

Na esfera acadêmica agradeço aos mestres que contribuíram em diferentes etapas para o meu processo de formação enquanto geógrafa, pesquisadora e professora (que pretendo ser). Aos queridos professores que me orientaram no PIBID; Janete Regina de Oliveira e Edson Soares Fialho. A professora Isabel Jesus Chrysostomo que acompanhou e orientou o processo de construção do projeto que deu base a esta monografia.

Ao meu orientador e amigo, o professor Wagner Barbosa Battela, que não deixou faltar puxões de orelha. Que me deu a oportunidade de ser pesquisadora e bolsista de iniciação científica financiada pela FAPEMIG, que me agraciou com a temática das cidades médias. Confiou em mim e teve paciência com os meus anseios e o meu jeito.

Destarte, agradeço a toda comunidade acadêmica e a Universidade Federal de Viçosa pelas bases físicas e materiais que contribuíram para minha formação. Em especial a Patrícia, ao Gilmar e ao Fábio, que mais que secretários do Departamento de Geografia (DGE), são pessoas maravilhosas e competentes.

A todos vocês, muito obrigado!

LISTA DE FIGURAS:

FIGURA 1: DEMONSTRAÇÃO DA PRIMEIRA COLETA	14
DEMONSTRAÇÃO DA QUINTA COLETA	14
FIGURA 3: MODELOS DE ZONEAMENTO BURGUES, HOYT E ULLMAN	25
FIGURA 4: AS GRANDES DIVISÕES MORFOLÓGICO-FUNCIONAIS	28
DE UMA CIDADE DE PORTE MÉDIO (MODELO)	28
FIGURA 5: LOCALIZAÇÃO DE VIÇOSA E RODOVIAS DE ACESSO.....	31
FIGURA 6: PERFIL TOPOGRÁFICO DE VIÇOSA-MG.....	34
FIGURA 7: “DIAGRAMA DA DISTRIBUIÇÃO DE CIDADES”	38
FIGURA 8: LOCALIZAÇÃO DE VIÇOSA NO “DIAGRAMA DA DISTRIBUIÇÃO DE CIDADES”	40
FIGURA 9: VIÇOSA: REGIÃO DE INFLUÊNCIA 1987, 1993 E 2000.	45
FIGURA 10: VIAGENS DE ÔNIBUS DIÁRIAS PARTINDO DE VIÇOSA-MG.....	49
FIGURA 11: PIB: MICROREGIÃO DE VIÇOSA	50
FIGURA 12: ZONEAMENTO MORFOLÓGICO FUNCIONAL DE VIÇOSA – MG.....	52
FIGURA 13: ZONEAMENTO MORFOLÓGICO FUNCIONAL DE VIÇOSA – MG	54
FIGURA 14: ZONA CENTRAL E EQUIPAMENTOS URBANOS	57
FIGURA 15: ZONA CENTRAL - AV. P.H. ROLFS	57
FIGURA 16: ZONA CENTRAL – RUA BENJAMIN ARAÚJO	57
FIGURA 17: ZONA CENTRAL - RUA ARTHUR BERNARDES (CALÇADÃO).....	58
FIGURA 18: ZONA CENTRAL - RUA ARTHUR BERNARDES (CALÇADÃO).....	58
FIGURA 19: PANORÂMA DA ZONA CENTRAL.....	58
FIGURA 20: ZONA PERICENTRAL (SUBCENTRO) AV. SANTA RITA	61
FIGURA 21: ZONA PERICENTRAL (SUBCENTRO) AV. SANTA RITA	61
FIGURA 22: ZONA PERICENTRAL - RUA GOMES BARBOSA	61
FIGURA 23: ZONA PERICENTRAL - (SUBCENTRO) RUA GOMES BARBOSA.....	61
FIGURA 24: ZONA PERICENTRAL (SUBCENTRO) – RUA DOS PASSOS	61
FIGURA 25: ZONA PERICENTRAL (SUBCENTRO) – RUA MILTON BANDEIRA	61
FIGURA 26: ZONA PERIFÉRICA CONTÍNUA – BAIRRO BOM JESUS.....	63
FIGURA 27: ZONA PERIFÉRICA CONTÍNUA – BAIRRO ESTRELAS	63
FIGURA 28: ZONA PERIFÉRICA CONTÍNUA – OESTE DO BAIRRO SANTO ANTÔNIO	63

FIGURA 29: ZONA PERIFÉRICA CONTÍNUA – LESTE DO BAIRRO SANTO ANTÔNIO	63
FIGURA 30: Z. P. DESCONTÍNUA ORGANIZADA – CONDOMÍNIO VALE DO YPÊ ..	64
FIGURA 31: Z. P. DESCONTÍNUA ORGANIZADA (LOTEAMENTO) – ACAMARI.....	64
FIGURA 32: Z. P. DESCONTÍNUA ORGANIZADA – (LOTEAMENTO) BAIRRO NOVA VIÇOSA	64
FIGURA 33: Z. P. DESCONTÍNUA ORGANIZADA – (LOTEAMENTO) COELHAS	64
FIGURA 34: Z. P. DESCONTÍNUA DESORGANIZADA – (VILA/FAVELA) – VALE DO SOL.....	64
FIGURA 35: Z. P. DESCONTÍNUA DESORGANIZADA (VILA/FAVELA) – UM DOS ACESSOS AO BAIRRO SÃO JOSÉ.....	64
FIGURA 36: ZONA PERIFÉRICA DESCONTÍNUA DESORGANIZADA (VILA/FAVELA) – AMORAS, BOA VISTA (ESCORPIÃO) E SÃO JOSÉ (LARANJAL)	65

LISTA DE QUADROS:

QUADRO 1: ÁREAS DO ZONEAMENTO MORFOLÓGICO-FUNCIONAL	27
QUADRO 2: CLASSIFICAÇÃO DE VIÇOSA EM ESTUDOS DE HIERARQUIA URBANA	42
QUADRO 3: BENS E SERVIÇOS PARA CLASSIFICAÇÃO DE UM CENTRO SUBREGIONAL – REGIC 1987	43

LISTA DE TABELAS:

TABELA 1: EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO URBANA E RURAL DE VIÇOSA, MG – PERÍODO 1970-2014*	36
TABELA 2: VIAGENS DE ÔNIBUS PARTINDO DE VIÇOSA – MG	49

LISTA DE GRÁFICOS:

GRÁFICO 1: PRODUTO INTERNO BRUTO POR SETOR: VIÇOSA - MG, 2002.	39
GRÁFICO 2: PRODUTO INTERNO BRUTO POR SETOR: VIÇOSA - MG, 2012.	39
GRÁFICO 3: VIAGENS DE ÔNIBUS PARA GRANDES CENTROS	49

SUMÁRIO:

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Procedimentos metodológicos	12
2	CONCEITOS, TEMAS E ASSUNTOS	16
2.1	Cidades médias, a trilha de um percurso	16
2.2	Morfologia urbana e espaço intraurbano	19
2.3	Uso de modelos para o zoneamento de cidades.....	24
3	COMPOSIÇÃO SOCIAL, ESPACIAL E ECONÔMICA DE VIÇOSA	29
3.1	Onde e como está?	29
3.2	Caracterização da população	36
3.3	Funções urbanas; um olhar econômico.....	37
4	A CIDADE E SUAS CONEXÕES	41
4.1	Viçosa nos estudos sobre hierarquia urbana	41
4.2	Viçosa e suas relações.....	47
5	O ZONEAMENTO MORFOLÓGICO FUNCIONAL DE VIÇOSA	52
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	65

1 INTRODUÇÃO

Os estudos sobre as cidades médias no Brasil ganham escopo a partir da década de 1970. Amorim Filho desenvolveu sua tese de doutorado na Universidade de Bourdeaux, na França, onde a temática das cidades médias já se fortalecia. Em 1973, o resultado da minuciosa pesquisa, realizada pelo autor, sobre a cidade de Formiga em Minas Gerais, veio constituir os primeiros trabalhos sobre o tema no Brasil. Desde então, Amorim Filho liderou pesquisas que trouxeram relevantes contribuições sobre a temática das cidades médias em Minas Gerais.

Em 2005, Amorim Filho apresentou seu modelo geocartográfico de zoneamento morfológico-funcional para as cidades médias de Minas Gerais. Esta proposta do autor veio dar visibilidade ao quinto¹ dos sete critérios para identificação das cidades médias. Estes, apresentados e discutidos pelo autor em 1976, durante o Segundo Encontro Nacional de Geógrafos Brasileiros (AGB), na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte. Dar visibilidade, pois o autor observou a escassez de trabalhos pautados no estudo do espaço intraurbano das cidades médias através da estrutura morfológica e da elaboração de zoneamentos morfológico-funcionais para estas cidades.

Com base nestas perspectivas, o presente trabalho é uma análise do espaço intraurbano da cidade de Viçosa - MG levando em conta as principais funções urbanas desempenhadas pela cidade, os principais agentes econômicos que atuam no espaço urbano de Viçosa, bem como a influência destes na produção de formas urbanas.

O recorte espacial a cidade de Viçosa – MG justifica-se por dois motivos principais: a) o fato de apresentar porte demográfico e estrutura urbana que a situa na transição entre uma cidade pequena e uma cidade média; b) apresentar notável crescimento urbano consorciado com a expansão da Universidade Federal de Viçosa (UFV) ao longo dos anos.

A intenção foi fornecer bases empíricas, por meio do zoneamento morfológico-funcional, sobre como os processos supracitados sobrepõem-se na morfologia urbana de Viçosa, configurando o espaço intraurbano da cidade. E, por meio disso, contribuir

1 - A estrutura morfológica interna da cidade média, em consonância com sua posição no processo de evolução deve apresentar:

- Um centro já relativamente complexo com grande número de equipamentos servindo um espaço que ultrapasse os limites puramente locais;
- Um número variável de subcentros (cuja forma, funções e espaço de relações variam grandemente de cidade para cidade, mas que atendem, em sua maioria, apenas as necessidades de populações locais);
- Uma periferia que evolui muito mais através de “saltos” (Descontinuidades espaciais repentinas, resultando numa estrutura polinuclear), do que através de uma expansão lenta e homogênea de toda a “coroa periférica” do tecido urbano. (AMORIM FILHO, 1976, P.7-8)

metodologicamente com a discussão a respeito das possibilidades e limitações que este modelo traz consigo para a problematização de Viçosa como uma cidade média.

Ainda sobre utilização de modelos é importante ressaltar que este trabalho foi realizado com a consciência de que os modelos apresentam fragilidades, como a redução da realidade a uma visão estática, por não apresentar condições que contemplem a fluidez do espaço no tempo, bem como por ser um recorte realizado em determinado momento. Assim sendo, utilizamos o modelo geocartográfico proposto por Amorim Filho como ponto de partida para problematizar Viçosa como uma cidade média.

Isto posto, o texto encontra-se dividido em seis partes. Este primeiro momento de reflexão busca demonstrar as principais justificativas e objetivos deste trabalho e os procedimentos metodológicos adotados. O segundo capítulo trata da discussão dos principais temas envolvidos nesta pesquisa, cidades médias, morfologia urbana, espaço intraurbano e o uso de modelos para o zoneamento de cidades. O terceiro e o quarto capítulo tratam da análise de importantes variáveis para a caracterização do espaço intraurbano de Viçosa. No terceiro capítulo faz-se uma reflexão a respeito da composição social, espacial e econômica de Viçosa e no quarto a análise visa demonstrar as principais conexões da cidade de Viçosa, além de sua classificação em estudos sobre hierarquia urbana. No quinto capítulo, a discussão envolve a aplicação do modelo de zoneamento morfológico funcional em Viçosa e a análise de seus componentes. Por último, nas considerações finais, estão expostas as possibilidades e limitações da aplicação deste modelo ao espaço intraurbano de Viçosa.

1.1 Procedimentos metodológicos

A pesquisa foi desenvolvida sob objetivos exploratórios, por se tratar de um assunto pouco estudado, o espaço intraurbano de Viçosa para sua problematização enquanto cidade média. Assim, foi necessário tornar familiar os temas com os quais ainda não se tinha proximidade.

A pesquisa foi organizada num período de aproximadamente 12 meses, em três fases: 1ª) Revisão bibliografia e capacitação em softwares, 2ª) Levantamento de dados e informações, 3ª) Tratamento dos dados e construção e avaliação do zoneamento.

A pesquisa bibliográfica se deu a partir do levantamento e estudo de um significativo referencial teórico acerca dos principais temas que compõe a análise, para se ter consciência do material já produzido e da contribuição que poderiam trazer para presente investida. O

referencial teórico foi sistematizado a partir de eixos de diálogo entre as temáticas. Assim sendo, ficou subdividido em três eixos: primeiro procurou-se discutir acerca dos estudos e concepções sobre as cidades médias, depois sobre a morfologia urbana e o espaço intraurbano e por último a respeito do uso de modelos para o zoneamento de cidades. É importante ressaltar que autores e estudos de diferentes períodos compõe o conjunto reunido para reflexão. Ainda nesta primeira etapa houve o comprometimento com a aprendizagem para o manuseio de softwares através de minicursos e do curso da disciplina “SIG aplicado ao planejamento urbano - ARQ420”.

A etapa de levantamento de dados ocorreu de duas formas uma em gabinete e outra em campo. Os dados levantados estão organizados em dois grupos que acompanham a linha metodológica de articulação de escalas a qual se propôs desde a elaboração do projeto desta monografia.

Tais escalas de análise estão pautadas num par analítico proposto por Sposito (2009) para metodologia de estudo das cidades médias. Trata-se do par analítico “dentro–fora”. É um recorte que pretende entender a articulação entre o espaço intraurbano e o interurbano. Destarte, buscou-se entender e identificar em primeiro lugar, a escala intraurbana para posterior entendimento acerca do papel regional. Para isso, coloca-se em pauta identificar as especificidades que conformaram a atual estruturação da morfologia urbana de Viçosa para contribuir na construção e análise do modelo de zoneamento proposto por Amorim Filho (2005), para problematização de Viçosa como uma cidade média.

Assim sendo, os dados relativos a caracterização do espaço intraurbano de Viçosa foram os seguintes:

Em gabinete: População rural e urbana (Consulta aos micro dados do IBGE 2010 e estimativas); Identificação das funções urbanas da cidade (Consulta aos micro dados do IBGE PIB); Pesquisa sobre o histórico de urbanização de Viçosa em trabalhos acadêmicos, blogs e sites que tratam do tema e sobre a sua caracterização geomorfológica; Principais rodovias que ligam Viçosa a rede de rodoviária nacional (Consulta aos micro dados do DNIT); Levantamento de fotografias e capturas de tela a partir do aplicativo Google Earth (Street View) para análise das áreas que não foram contempladas em campo. No que tange a estas áreas é importante ressaltar que a construção do modelo não pressupõe uma análise detalhada de todas as áreas da cidade, por esse motivo e por motivos de deslocamento, a identificação das áreas periféricas se deu principalmente através da análise de fotografias áreas do referido aplicativo e de fotografias disponíveis em dois blogs administrados por professores da UFV. O blog “Bioclima”, administrado pelo professor Edson Soares Fialho do DGE e o blog “Por amor às cidades”

administrado pelo professor Ítalo Stephan do Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU).

Em campo: Procurou-se Identificar a variedade de estabelecimentos comerciais e sua distribuição; Identificação da presença de franquias e lojas de grife; Localização dos equipamentos industriais; Localização de instituições de nível superior; Identificação do número e distribuição de agências bancárias e casas lotéricas; Movimentação de pessoas e veículos; Concentração de construções em altura; Diferenças morfológicas e paisagísticas relativas a condições socioeconômicas.

Os dados levantados em campo foram baseados no formulário em anexo construído a partir de componentes que Amorim Filho considerou importantes para a identificação das diferentes áreas de seu modelo. Assim sendo, foram realizados cinco trabalhos de campo para observação; Quatro para coleta nas proximidades da área central, caminhando. Um no principal eixo de desdobramento da área central que conduz a uma área periférica, por meio de veículo pessoal de um amigo. Todas essas áreas foram registradas através de fotografias captadas por uma câmera de uso pessoal da autora. Também é extremamente importante ressaltar que a etapa de observação por meio dos formulários só foi possível graças a colaboração de amigos que auxiliaram nas coletas de dados. As seguintes fotografias visam demonstrar dois momentos de coleta de dados em campo.

FIGURA 1: DEMONSTRAÇÃO DA PRIMEIRA COLETA



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2015.

FIGURA 2: DEMONSTRAÇÃO DA QUINTA COLETA



Fonte: Trabalho de campo da autora, 2015.

Os dados referentes ao espaço regional também foram coletados de suas formas em gabinete e em campo.

Em gabinete: Procedeu a investigação acerca de estudos sobre a hierarquia urbana, tendo em vista identificar a classificação de Viçosa. Foram considerados estudos realizados em duas escalas diferentes; de abrangência nacional executado pelo IBGE, e de abrangência estadual executado por Amorim Filho e associados. Dados da população e do PIB das cidades da microrregião de Viçosa (Consulta aos microdados do IBGE 2010 e estimativas) com a finalidade de revelar o papel de Viçosa em sua rede de cidades mais próximas. Dados relativos as empresas de ônibus que atuam em Viçosa, horários de partida e destinos. Num primeiro momento o levantamento dos horários se deu em gabinete através de uma consulta aos sítios eletrônicos das empresas de ônibus que disponibilizam seus horários online.

Em campo: O segundo momento da coleta de horários de ônibus se deu através de uma visita a estação rodoviária com o objetivo de conferir os dados que foram levantados via internet, também para recolher os horários das empresas que não possuem sítios eletrônicos.

Por último, o tratamento e análise das informações levantadas nas etapas anteriores se deu das seguintes maneiras: Tabulação de dados com o pacote do software Office 2010; Construção de um perfil topográfico da área urbana da cidade de Viçosa com a finalidade de analisar seu sítio utilizando o aplicativo Google Earth; Confecção de mapas para caracterizar a cidade e o seu espaço regional por meio do aplicativo Arcmap 10.1 da suíte de aplicativos do ArcGis com a base de dados do IBGE, GeoMINAS e DNIT (shapefiles); Edição das fotografias com o aplicativo Picasa 3; Construção do modelo geocartográfico de zoneamento morfológico-funcional, elaborado também com a utilização do software Arcmap 10.1; Análise crítica do modelo proposto por Amorim Filho (2005) com o propósito de identificar suas potencialidades e limites na problematização de Viçosa enquanto cidade média.

2 CONCEITOS, TEMAS E ASSUNTOS

2.1 Cidades médias, a trilha de um percurso

Ao refletir sobre a constituição da rede urbana brasileira, percebemos que o seu ordenamento se deu principalmente através de processos econômicos capitalistas que moldaram o espaço urbano. Campolina Diniz (1993) estudou importantes fases que compõe este movimento, e verificou que até o final da década de 1960 houve uma fase onde as forças econômicas atuavam como catalisadores de concentração e que este processo foi denominado de Economias de Aglomeração. Num segundo momento alguns fatores provenientes desta primeira fase, como o inchaço urbano, a escassez de espaços disponíveis, o alto valor da terra e os congestionamentos, ocasionaram uma inversão de papéis. Estes agravantes fizeram com que a aglomeração econômica deixa de ser atrativa as atividades, tornando-se fator de repulsão das atividades produtivas. Desta forma, o processo passou a ser chamado de Deseconomias de Aglomeração. Com isso, a urbanização brasileira se tornou mais complexa através do espraiamento das economias de aglomeração que se deu de início para dentro do próprio estado de São Paulo, e posteriormente para quase todos os estados brasileiros. Feito que contribuiu para a incisiva formação e incremento das cidades ditas médias.

Desse período estudado por Campolina Diniz (1993) observou-se que os esforços feitos principalmente pelo governo para o desenvolvimento das economias regionais não surtiram todos os efeitos planejados, pois, além de se tratar de um país de dimensões continentais a intervenção estatal esbarrou nos interesses do sistema capitalista que tem bases na desigual divisão territorial do trabalho. Mesmo assim, no que tange a esta empreitada devemos dar relevância a expansão da malha rodoviária pavimentada, de 2.000Km em 1955 evolui para 120.000Km (DINIZ, 1993). Tal infraestrutura levou espaços a se estruturarem e reestruturarem através da instalação de grandes empresas, universidades, polos tecnológicos, agroindustriais entre outros devido a acessibilidade trazida pelas estradas.

As cidades, (que se tornaram) médias, passaram a exercer novos papéis, nesta nova dinâmica territorial do sistema de acumulação flexível. A partir desta época observamos o aumento dos olhares voltados também a entender espaços não metropolitanos, devido às transformações ocorridas em diferentes pontos do país. O

crescimento econômico, demográfico e territorial das cidades médias acarretou numa maior dimensão de pesquisas com a temática, fato ligado também à interiorização do ensino superior, apontado por Sposito (2001), que esprou a massa intelectual antes acumulada nos grandes centros.

Tal perspectiva pode ser observada a partir dos primeiros estudos sobre as cidades médias realizados no Brasil pelo professor Oswaldo Bueno Amorim Filho (1976). A principal contribuição nesta etapa de pesquisas do autor foi o entendimento de que o elemento demográfico não deve ser o único balizador na problematização de uma cidade como média. Santos (1993, p.70) certifica que um dos problemas que se apresenta nas ciências humanas é o do uso e interpretação das séries estatísticas, pois o número, em momentos distintos, possui significado diferente. A partir deste momento ficou claro que o critério demográfico atende como uma primeira aproximação para o estudo das cidades médias, mas não como elemento central para sua definição. Desta forma, pode-se utilizá-lo como indicador do tamanho do mercado local, da infraestrutura urbana ou da concentração de atividades. Levando-se em consideração o período e o local estudado (AMORIM FILHO; RIGOTTI, 2003). Entretanto, este critério, por si só, leva-nos a uma hierarquização rígida do território, e os pesquisadores das cidades médias aconselham sobre a importância de considerar as especificidades e tempos de cada país ou região.

Logo, outras variáveis passaram a ser consideradas para análise. Amorim Filho (2005) coloca que as funções intermediárias desempenhadas pelas cidades e a posição geográfica são tão importantes quanto à demografia para caracterização das cidades médias. Sendo assim, o autor e seus colaboradores identificaram e incorporaram ao longo dos anos diferentes variáveis em suas pesquisas. O propósito foi elencar classificações, hierarquias e metodologias passíveis para a problematização das cidades médias em sua complexidade.

No início dos anos 1990, os estudos sobre o tema das cidades médias ganharam um novo impulso, com interesse que só tem se ampliado desde então (AMORIM FILHO, 2007, p.77). Maria Encarnação Beltrão Sposito se debruçou sobre o tema das cidades médias em pesquisas individuais até 1998, contribuindo com importantes reflexões acerca da cidade de Presidente Prudente -SP. Entretanto, seu objetivo foi instigar mais pesquisadores para fomentar a discussão e realizar um estudo comparativo sobre a problematização das cidades médias. A ReCiMe (Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias) surgiu neste contexto e reuniu um grupo de pesquisadores que vem ampliando as pesquisas sobre tais espaços.

Os avanços nos estudos sobre as cidades médias apontam para a dificuldade de elaboração de um conceito único acerca deste tipo de cidade. Dada a polissemia do termo, não existe um consenso para definição de um conceito único, com rígidas características que possam designar uma cidade como média. Ao contrário disso, estas cidades são identificadas através de suas especificidades. Assim, uma cidade ser entendida como média não implica diretamente em homogeneidade de funções ou papéis.

Batella (2013) assinala que a cidade média deve ser entendida numa condição de limiar, pois se caracterizam por apresentarem uma posição intermediária entre a cidade pequena e a cidade grande, ou seja, elas possuem características de cidade pequena, como exemplo, amenidades, valores acessíveis a terra etc., mas podem desempenhar funções mais complexas através da presença de empresas multinacionais, aeroportos, universidades etc. O que demonstra uma ruptura da hierarquização urbana através das funções e relações que as cidades médias passam a desempenhar.

Sobre as cidades médias, concorda-se com os autores que defendem tratar-se de uma noção, mais do que propriamente um conceito, porque, ao mesmo tempo em que estas cidades se destacam pelas suas especificidades, busca-se uma característica de análise que seja comum aos pesquisadores desta área. Sposito (2001) expõe que a condição de cidade média está diretamente associada a uma situação geográfica favorável, de forma que as cidades médias consideradas nos estudos não são cidades próximas a alguma região metropolitana. Pois, pressupõe-se que o quantitativo populacional, bem como as funções e serviços presentes nessas cidades constituintes de uma região metropolitana, são consequências da proximidade com às formas urbanas mais complexas das grandes cidades.

Ao argumentar sobre condição geográfica favorável, logo associa-se o pensamento a uma região dotada de equipamentos urbanos desenvolvidos. Entretanto, o que acontece, em muitos casos, é que as cidades assumem o papel de média justamente por localizarem-se em um determinado ponto onde a população das pequenas cidades próximas dependem diretamente de serviços oferecidos pela média, para sobreviver. Com isso, as cidades e também a zona rural do raio da área de influência acabam por “sugar” esta cidade de posição central e forçar para que a oferta de serviços seja cada vez mais ampliada. É importante salientar que esta posição central não se dá ao acaso, podendo ser em decorrência, por exemplo, da cidade encontrar-se num entroncamento de rodovias que ligam as cidades menores a ela e também a grandes centros.

Sposito (2007) ao destacar o papel destas cidades como locais de consumo, afirma que essa atividade teve papel mais importante na orientação dos papéis intermediários destas cidades do que propriamente a produção industrial. Soja (1993) ao analisar os processos de reestruturação a partir das crises econômicas mundiais, assinala que uma das primeiras formas que supõe-se estar emergindo de uma Sociedade Pós-Industrial é a mudança concomitante para uma economia baseada nos serviços (SOJA, 1993, p.195). Com isso, entendemos que a preocupação até meados da década de 1970 era produzir o suficiente, em larga escala, para atender a demanda do mercado. Dessa forma, Paterson (1975, p. 292-293) coloca que nessas terras tecnicamente avançadas, a dificuldade não é, geralmente, produzir o suficiente, mas fazer que seja consumido o suficiente para sustentar os produtores.

Diante do exposto, observa-se que as atividades econômicas dessa nova fase do capitalismo vem promovendo a reestruturação do espaço urbano e da cidade em diferentes escalas, mas especialmente através da produção de formas urbanas. Centros, eixos de desdobramento do centro, áreas funcionais, subcentros são tecidos sobre a morfologia urbana configurando a complexidade do lugar, e fazendo com que o espaço se demonstre simultaneamente fragmentado e articulado (CORRÊA, p.7, 2004). Desta forma, coloca-se a importância de se estudar o espaço intraurbano das Cidades Médias, um ambiente complexo e pouco estudado. Quem nos alerta sobre isto é Amorim Filho (1984, p.9), que considera o espaço intraurbano como característica necessária para diferenciar estas cidades nas demais.

2.2 Morfologia urbana e espaço intraurbano

É necessário alçar uma discussão acerca dos temas que se propõe trabalhar nesta empreitada levando-se em conta a contribuição de diferentes profissionais que estudam o espaço urbano. Assim, para conduzir este debate é importante dar atenção as reflexões do arquiteto e urbanista Flávio Villaça sobre o espaço intraurbano. Este autor destaca que o espaço urbano não é soerguido instantaneamente, e por isso não deve ser analisado apenas de acordo com o que está posto.

Dessa forma, assinala que:

“A expressão “estrutura urbana” – e sua correlata ‘reestruturação urbana’ – tem sido vítima de muitos abusos. É frequentemente utilizada como sinônimo de cidade enquanto elemento físico, de cidade como um todo material, sem

considerar a inter-relação entre seus elementos, aliás sem considerar que elementos são esses”. (VILLAÇA,1998, p.13).

O autor quer dizer que o espaço urbano é construído cotidianamente por diferentes grupos sociais que edificam os elementos da estrutura territorial urbana. Assim, com a alteração de um desses elementos o todo também será modificado. Ao notar esta perspectiva fica evidente a importância de relacionar sociedade e tempo nas análises espaciais e não apenas a materialidade do ambiente. Neste sentido, Corrêa (2004, p.37) alerta para a expressão processos espaciais como sendo empregada pelos geógrafos para tentar dar conta do que ocorre no espaço ao longo do tempo.

Preocupada em ir além da clássica utilização do termo estrutura urbana Sposito (2001, p.235) propõe o conceito de reestruturação urbana no lugar do conceito clássico de estrutura urbana. O objetivo da autora é inserir o movimento na análise, uma vez que, o processo de transformação da cidade é contínuo.

A perspectiva de movimento também é colocada em pauta por Villaça (1998), que caracteriza os elementos da estrutura territorial urbana (Centro, subcentro, bairros residenciais, áreas industriais) como sendo produzidos a partir dos fluxos do sistema de transportes de seres humanos. O autor acredita que os deslocamentos de pessoas têm maior influência sobre a estruturação do espaço intraurbano do que do regional – e através da relação dialética entre espaço e sociedade Villaça (1998) firma sua análise. Um processo recíproco onde é possível partir do social para explicar o espacial e vice versa. Com isso, o autor acede que os deslocamentos do ser humano, enquanto portador da mercadoria força de trabalho, ou enquanto consumidor (VILLAÇA, 1998, p.21) é que vão determinar as localizações no espaço.

Assim, construções de vias de transporte, ruas ou rodovias, são extremamente importantes na produção do espaço intraurbano. O autor ao qual esta proposta se vincula alerta que as demais infraestruturas, como; água, luz e esgoto serão instaladas onde é possível chegar, ou seja, onde os meios de transporte podem transitar. Por conseguinte, é importante destacar o papel do Estado como agente propulsor da infraestrutura urbana, atuando constantemente reconfiguração das formas urbanas.

Neste ponto é importante salientar que o grau de acessibilidade dos seres humanos ao espaço não é orientado aleatoriamente. Dois fatores são de extrema importância para determinar o grau de acesso a cidade, quais sejam; o tipo de veículo e os agentes do espaço urbano. Primeiro, o tipo de veículo depende das condições financeiras, comumente as pessoas se deslocam através de veículos individuais ou pelo transporte público. Em geral,

a população que depende do transporte coletivo sofre restrições de deslocamento, pois em nosso país é histórico o incentivo ao transporte individual em detrimento do transporte público.

Depois, os ditos agentes do espaço, Estado, empreendedores imobiliários, mas sobretudo a camada de alta renda que impõe sobre o espaço urbano interesses individuais e segmentam a cidade para produção do espaço a seu favor. E, por meio desses processos a segregação é acentuada através da exclusão da população pobre sobre as decisões a respeito do espaço que deveria ser comum a todos os habitantes da cidade.

A discussão realizada até aqui procurou demonstrar que o desenvolvimento dos meios de transporte ocasionou além da ampliação da acessibilidade, a aceleração na modificação do espaço intraurbano e da morfologia urbana. Sobre a importância da evolução e influência dos transportes na vida urbana, Corrêa (2004, p.39) destaca que nos primórdios das cidades, onde o transporte urbano se dava principalmente sobre os trilhos o espaço urbano era caracterizado por enorme rigidez.

Com isso, por meio da maior possibilidade de mobilidade dos seres humanos observou-se o fomento do setor econômico que chamamos de terciário ou a parte da economia que se firma para fornecer serviços para pessoas. Ao pensarmos nas atividades terciárias como um setor que visa atender as pessoas, pela lógica do termo, a concentração dessas atividades dar-se-ia onde houvesse maior número de pessoas e onde a distribuição dessas atividades fosse de acordo com a distribuição da população pelo espaço. Entretanto, Paterson (1975) coloca que existem alguns serviços que as pessoas utilizam ocasionalmente. Um dos exemplos trazidos pelo autor é a compra de um televisor. Comprar um aparelho como este não se trata de um consumo cotidiano, logo, o consumidor estará disposto a percorrer maiores distâncias para adquiri-lo em um local onde existe mais de uma loja de eletrodomésticos, para que possa comparar preços e marcas disponíveis no mercado. É razoável supor, então, que, se houver um número de serviços que as pessoas só usam ocasionalmente, haverá vantagens em agrupar esses serviços (PATERSON, 1975, p.299).

Villaça (1998) assinala que as áreas comerciais e de serviços são as que mais atraem deslocamentos humanos. São nelas onde, geralmente, as pessoas vão para trabalhar ou consumir. Essas atividades tendem a se concentrar na área central, que é composta por um amplo leque de serviços. Temos assim que o fluxo de pessoas atrelado ao tempo gasto para deslocamento determinará a concentração das atividades comerciais e de serviços em determinado lugar, definindo assim a centralidade.

Estas considerações de Flávio Villaça vão ao encontro com reflexões elaboradas por outros autores que estudam, a questão do centro da cidade. Sposito (1991) reflete sobre a importância do centro e da centralidade nas cidades. Depreende-se das palavras da autora que o centro não é necessariamente o centro geográfico, que se trata mais de um ponto de convergência e divergência do fluxo de pessoas que possuem mais ou menos acesso de acordo com as suas condições de deslocamento.

Desta forma, ao analisar a cidade é necessário levar em conta que além do fluxo de pessoas a centralidade também é produzida pelo número de serviços oferecidos que atendem a uma demanda que não é apenas da população local, mas também das cidades que a circundam e da zona rural. Uma cidade, que possui potencial para oferecer certo número de serviços e está localizada em uma região onde estes são escassos acaba assumindo um papel central em sua região. Logo, o espaço intraurbano e a produção de suas formas acaba sendo também moldado a partir da ação de agentes do espaço interurbano. Corrêa (2004, p.38) confirma esta perspectiva ao dizer que a Área Central constitui-se no foco principal não apenas da cidade mas também de sua hinterlândia.

O movimento de construção e reconstrução da cidade a partir da mobilidade das pessoas pelo território vai ao encontro com a expressão das formas urbanas tecidas através da relação entre as pessoas e os pontos do espaço urbano. Assim, a respeito da morfologia urbana, Whitacker e Miyazaki (2012) expõem que o interesse desta área não é apenas voltar-se para o estudo da forma pela forma. Soja (1993, p.212) assinala que as espacializações urbanas são cumulativas de cada período de reestruturação urbana, e que por isso ao se analisar a atual camada da morfologia urbana deve-se também se levar em conta os vestígios das geografias anteriores. Whitacker e Miyazaki (2012, p.319) concordam no sentido de que para além da forma, é necessário compreender como o tecido urbano tem sido erigido ao longo do tempo, tornando-se possível compreender sua evolução, englobando elementos do passado para poder analisar o presente. Desta forma, os autores assinalam que o tecido urbano não possui um desenvolvimento aleatório, que em cada período pode-se identificar especificidades através da morfologia urbana.

Por sua vez, Corrêa (2004, p. 9) aponta que o espaço urbano é constituído por diferentes usos da terra, cada um deles pode ser visto como uma forma espacial. Estes usos são criados a partir da necessidade de circulação dos seres humanos para reproduzir-se socialmente. Neste sentido, pesquisadores de diferentes áreas acadêmicas se dedicam a identificar essas formas circunscritas no espaço urbano.

Tendo em vista que o foco aqui é analisar o espaço intraurbano através das formas que o compõe, é importante discutir, além do centro, os subcentros e as áreas especializadas. Os estudos de Sposito (2001) e Corrêa (2004) indicam que o desenvolvimento destas outras formas é advindo de um processo caracterizado como descentralização. Tal processo decorre, principalmente, do inchaço da área central por se tratar de um local de grande interesse comercial e valorizada em termos de sua localização. Outro fator influenciador foi a já citada facilitação da circulação das pessoas pelo advento dos meios de transportes flexíveis.

Segundo Corrêa (2004), a formação dos subcentros regionais, apresentados como uma réplica da área central, são compostos praticamente pelos mesmos serviços presentes na área central em menor escala. O autor considera, ainda, a existência de outros tipos de subcentros menores, voltados ao atendimento das necessidades mais básicas da população, enquadrando-se nestas áreas a concentração de estabelecimentos como padarias, farmácias e postos de gasolina. Patherson (1975) contribui para a discussão dos subcentros ao apontar que os artigos de uso cotidiano, onde se inclui padarias, supermercados de bairro, farmácias, postos de gasolina, entre outros, são serviços diretamente relacionados ao consumo corriqueiro das pessoas, logo, necessitam estar mais perto delas.

Sposito (2001) auxilia na temática em debate por meio de uma forma urbana que a autora designou como de eixos de desdobramentos do centro principal. Estas são áreas compostas por avenidas com grande circulação de pessoas que recebem estabelecimentos comerciais que não mais são comportados no centro da cidade. São áreas especializadas, onde encontra-se a concentração de determinados tipos de serviços. Os estabelecimentos localizados nestas áreas são geralmente de artigos voltados à população que possui veículo pessoal, logo a maioria dessas áreas são espaços de segregação.

Por conseguinte, podemos perceber a importância de observar as formas urbanas que compõem o espaço intraurbano, e entendê-las a partir dos processos sociais que estruturam e reestruturam a cidade. É importante deixar claro que autores como Villaça (1998) e Corrêa (2004) se baseiam em análises de grandes cidades, entretanto os mesmos processos e formas podem existir em cidades de diferentes tamanhos de acordo com as respectivas escalas territoriais. Por esse motivo é importante avançar a discussão no sentido de traçar um panorama acerca de espaços não metropolitanos, em especial as cidades médias. Locais que vem ganhando destaque na rede urbana e sofrendo

reestruturações urbanas e de suas formas, através de processos que antes eram comuns apenas aos grandes centros.

2.3 Uso de modelos para o zoneamento de cidades

Amorim Filho apresentou e discutiu durante o Segundo Encontro Nacional de Geógrafos (AGB), na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte sete critérios para identificação das cidades médias. Quais sejam:

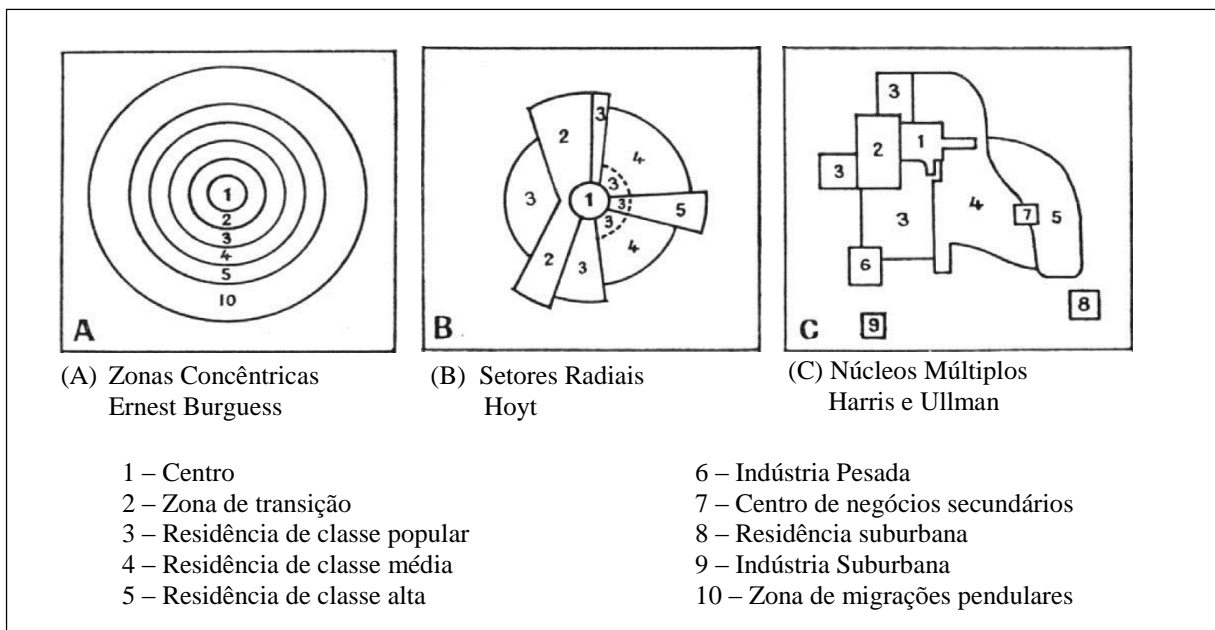
- 1- A cidade média deve ser capaz de manter interações constantes e de um nível razoável de intensidade e de qualidade tanto com seu espaço regional, quanto com aglomerações urbanas de hierarquia superior.
- 2- A cidade média deve ter as condições necessárias para estabelecer relações de dinamização com o espaço rural micro-regional que a envolve.
- 3- Uma cidade média só deve ser considerada média na medida em que já apresente uma certa autonomia na criação de pelo menos uma parcela de seus equipamentos de relações externas.
- 4- O sistema de redes de cada cidade média deve apresentar uma intensidade e um grau de conectividade tais que facilitem as já referidas interações com o espaço micro-regional e com os níveis superiores de hierarquia urbana.
- 5- A estrutura morfológica interna da cidade média, em consonância com sua posição no processo de evolução deve apresentar:
 - Um centro já relativamente complexo com grande número de equipamentos servindo um espaço que ultrapasse os limites puramente locais;
 - Um número variável de subcentros (cuja forma, funções e espaço de relações variam grandemente de cidade para cidade, mas que atendem, em sua maioria, apenas as necessidades de populações locais);
 - Uma periferia que evolui muito mais através de “saltos” (Descontinuidades espaciais repentinas, resultando numa estrutura polinuclear), do que através de uma expansão lenta e homogênea de toda a “coroa periférica” do tecido urbano.
- 6- Por outro lado, não deve ser desprezado o fato de que aspectos como tamanho, estrutura interna e relações externas das cidades médias podem variar bastante de região para região, sendo naturalmente função do nível de desenvolvimento, da posição geográfica e das condições histórico-sociais de formação de cada uma destas regiões.
- 7- Finalmente (e essa é uma de nossas hipóteses de trabalho mais importantes), a noção de “cidade média” não deve ser confundida necessariamente com a noção de “centro de polarização regional ou micro-regional”. A coincidência não ocorre sempre. Além disso, as relações da “cidade média” com seu “environment” nem sempre são relações de “dominação” (e é nesse sentido que a política das cidades médias deve ser encaminhada) e, em certos casos, até de dependência. (AMORIM FILHO, 1976, P.6-7-8)

Entre estes critérios, o autor notou que os trabalhos voltados para o estudo das cidades médias poucos haviam se voltado para o entendimento do espaço intraurbano através da elaboração de modelos de zoneamento morfológico-funcionais. O autor observou que a maioria dos estudos visavam sobretudo a análise de setores da cidade, tem em vista estudos de partes da cidade como centro e periferia, por exemplo, mas não

observou uma análise integrada de todas as zonas da cidade. Por esse motivo, veio dar visibilidade ao quinto critério elaborado por ele através da elaboração de um modelo de zoneamento possível de ser utilizado para caracterização das cidades médias.

Antes de explorarmos o modelo de zoneamento ao qual estudamos é importante considerar o marco teórico que Amorim Filho utilizou para sistematizar o esquema. Através do trabalho de J.B. Racine (1971), Amorim Filho analisou os três modelos de zoneamento, que foram elaborados nos Estados Unidos, nos anos vinte, trinta e quarenta. Ele observa que as cidades modernas apresentam complexas formas de organização do espaço intraurbano e que uma forma de entendê-las é através da divisão nas chamadas “zonas”. Com isso elabora uma reflexão acerca dos “modelos” de Ernest W. Burgess (1925 e 1929), Homer Hoyt (1939) e de C.D. Harris e E. L. Ullman (1945) a partir das considerações de Racine (1971).

FIGURA 3: MODELOS DE ZONEAMENTO BURGUES, HOYT E ULLMAN



Fonte: Racine, 1971.

Elaboração: Ítala Luzia de Andrade, 2015

Observou que o modelo das Zonas concêntricas do sociólogo Ernest W. Burgess tem bases econômicas, sociológicas e demográficas e através destes critérios divide o espaço intraurbano em cinco zonas concêntricas. Já o modelo dos Setores Radiais proposto pelo economista Hoyt foi baseado na distribuição dos valores dos aluguéis na cidade, bem como da influência do setor de transporte para variação dos valores. Sobre o esquema dos núcleos Múltiplos dos geógrafos Harris e Ullman, o autor coloca que este:

“leva em conta elementos presentes nos dois modelos já referidos e acrescenta outros aspectos, principalmente a ideia segundo a qual, apud Amorim “a estrutura de utilização do solo de uma cidade se articula frequentemente mais em torno de núcleos múltiplos e descontínuos do que em torno de um núcleo simples, com postulavam os dois primeiros modelos”. (Racine, 1971, p. 406, *apud* Amorim Filho, p. 27, 2005)

Amorim Filho (2005) ao analisar estes três modelos norte-americanos, assinala que nenhum deles é capaz, sozinho de representar a complexidade do zoneamento morfológico-funcional das cidades médias e grandes. Aponta, que no Brasil o melhor trabalho elaborado na tentativa de superar essas abordagens setoriais e fragmentárias foi feito pelo Geógrafo, Roberto Lobato Corrêa no livro “O espaço urbano” onde propõe que os processos espaciais estão diretamente arraigados a produção de uma forma urbana e expõe os respectivos processos e formas; a centralização e a área central, a descentralização e os núcleos secundários, a coesão e as áreas especializadas, a segregação e as áreas sócias, a dinâmica da segregação e a inércia as áreas cristalizadas.

Por conseguinte, explora trabalhos de geógrafos franceses (Borde et al. e Gervaise et al.) a fim de demonstrar que estes conseguiram contemplar do ponto de vista morfológico, funcional, locacional e das paisagens urbanas, o zoneamento mais abrangente. Estes, dividiram as cidades, a partir de um nível dimensional e hierárquico, em quatro grandes espaços concêntricos (AMORIM FILHO, 2005, p. 25):

- a) Zona central;
- b) Zona Pericentral;
- c) Zona periférica;
- d) Auréola periurbana.

Este zoneamento orientou a construção do modelo proposto por Amorim Filho para a análise morfológico funcional das cidades médias mineiras. Com exceção a uma zona periurbana que não aparece nas análises francesas. Desta forma, o modelo de zoneamento morfológico funcional proposto por Amorim Filho analisa os aspectos morfológicos do tecido urbano, considerados em suas conotações mais abrangentes inclusive levando-se em conta os

padrões fisionômicos, ou das paisagens urbanas atreladas as funções urbanas desempenhadas pela cidade (AMORIM FILHO, 2005, p.42).

O autor e seus associados visitaram mais de cem cidades médias mineiras em pesquisas financiadas por institutos de pesquisa. Entre estas analisaram mais detalhadamente as cidades de Formiga (1973) e Patos de Minas (1976 e 1978). Nos trabalhos de campo observaram significativa diferença entre o zoneamento das cidades pequenas e médias. As primeiras apresentaram zoneamento bastante simples, com espaço intraurbano mesclado e com função residencial predominante. Diferente das cidades médias que apresentaram zoneamento morfológico bem mais complexo. Para o autor as cidades que possuem algo em torno de 50.000 e 150.000 habitantes, são as cidades médias mais numerosas e típicas (AMORIM FILHO, 2005, p.55).

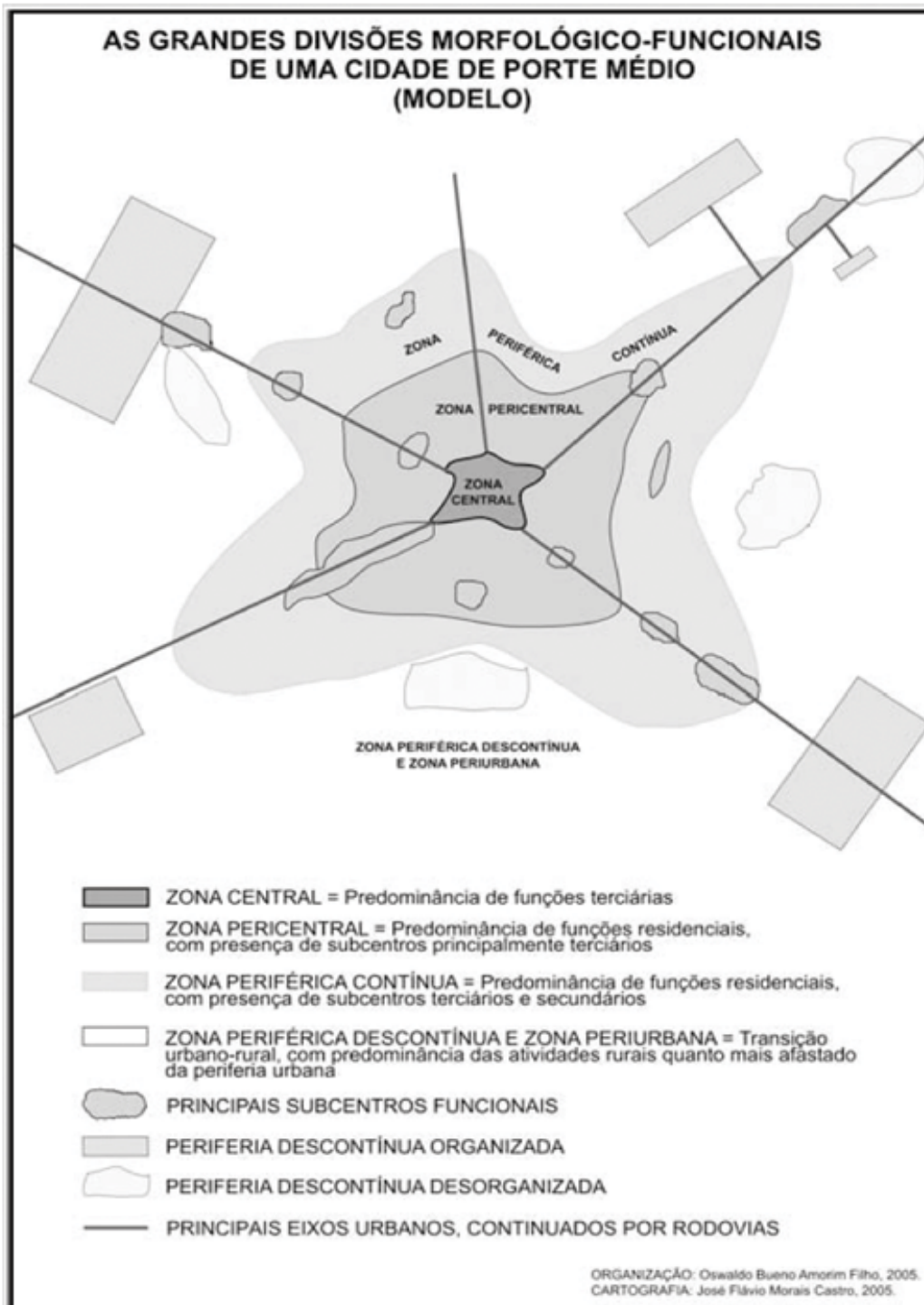
Diante do exposto, Amorim Filho afirma que mesmo se considerando as diferenças de desenvolvimento socioeconômico, culturais e de geografia física, os padrões de zoneamento morfológico-funcional das cidades médias se repetem em grande parte dos casos (AMORIM FILHO, 2005, p.59) de acordo com as classificações por ele propostas no quadro 1 e na figura 4.

QUADRO 1: ÁREAS DO ZONEAMENTO MORFOLÓGICO-FUNCIONAL DE UMA CIDADE DE PORTE MÉDIO

ZONA CENTRAL	ZONA PERICENTRAL	ZONA PERIFÉRICA	ZONA PERIURBANA
- Centro principal bem definido funcionalmente (forte presença de equipamentos “raros” de alcance regional); diferenciação funcional interna; paisagem e morfologia típicas (Construções em altura, maior densidade de construções; forte movimento de veículos e de pessoas, animação); função residencial superada pelas funções terciárias; centro com polarização pelo menos microrregional, podendo alcançar o nível regional de polarização.	- Extensa espacialmente; função residencial predominantemente; presença de subcentros especializados ou polifuncionais (estes últimos pequenos), ao longo dos eixos, de praças e de entroncamentos, diferenciação morfológica e paisagística em função de diferenças socioeconômicas; presença de equipamentos como hospitais, universidades, estações rodoviárias e ferroviárias, etc.	- De dois tipos: contínua (como prolongamento da zona pericentral) e descontínua ou polinuclear, formada por loteamentos (unidades organizadas) ou “vilas” (desorganizadas e, em certas regiões, verdadeiras favelas); presença de subcentros polifuncionais bem modestos (comércio e serviços de vizinhança) e de alguns subcentros especializados; extensão proporcional ao nível hierárquico e tamanho da cidade.	- Presença de uma zona de transição urbanorural mais ou menos extensa, e que se confunde, nas imediações da cidade, com a periferia polinuclear e descontínua; presença de alguns equipamentos terciários pontuais; aumento das casas de campo, de clubes campestres e hotéis fazenda; diminuição das fazendas e aumento das pequenas propriedades com produtos para cidade média.

Fonte: Adaptado, Amorim Filho, 2005.

FIGURA 4: AS GRANDES DIVISÕES MORFOLÓGICO-FUNCIONAIS DE UMA CIDADE DE PORTE MÉDIO (MODELO)



Fonte: Amorim Filho, 2005.

3 COMPOSIÇÃO SOCIAL, ESPACIAL E ECONÔMICA DE VIÇOSA

3.1 Onde e como está?

Para construção do modelo de zoneamento morfológico-funcional da cidade de Caratinga-MG, Sena (2005) seguiu uma linha de raciocínio para organizar sua análise, na qual incorporou três instâncias para o estudo da referida cidade, quais sejam; 1) o sítio e a posição geográfica, 2) a cidade no espaço regional e 3) funções urbanas. Com isso, propõe-se neste tópico discutir e explorar dados que visam caracterizar o sítio, a posição e o processo de formação da cidade de Viçosa-MG. É importante ressaltar que o autor citado considera a existência de duas escalas para a relação cidade-meio natural, no que diz respeito às relações geográficas. A escala local, que tem a ver com o sítio da cidade e a escala regional, que tem a ver com a posição da cidade (SENA, p.76, 2005). Este raciocínio também vai ao encontro da metodologia de articulação de escalas proposta por Sposito (2009), através do par analítico interurbano e intraurbano. Entretanto, neste capítulo, atem-se especialmente a dados referente ao espaço intraurbano.

Viçosa é um município pertencente ao estado de Minas Gerais, localizado na mesorregião da Zona da Mata, sob as coordenadas 20° 45' 14" de latitude sul e a 42° 52' 55" de longitude oeste. Atualmente, Viçosa ocupa uma área de 299,397 km² e sua altitude é de 648m (IBGE, 2015). Integra Geomorfologicamente o domínio dos “mares de morro” caracterizadas por áreas mamelonares tropical-atlânticas florestadas (AB'SABER, 2003, p.16). O embasamento da área se dá em quase sua totalidade por rochas cristalinas (TEIXEIRA, 2006, p. 31.). O clima é caracterizado como tropical de altitude, com verão e inverno bem definidos (ROCHA; FIALHO, 2012, p.1012).

No que tange a sua posição em meio a rede de ligação terrestre no Brasil, os dados rodoviários do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT; 2015) certificam que Viçosa é servida por quatro rodovias. A BR120 fornece acesso para municípios situados ao norte de Viçosa (Teixeiras, Ponte Nova), passando pelos bairros João Brás, Liberdade e Silvestre. A BR482 onde transita o fluxo de veículos provenientes dos municípios da direção nordeste (São Miguel do Anta, Araponga e Canãa) dá seguimento ao fluxo para região noroeste (Porto Firme, Piranga e Conselheiro Lafaiete), passando pelo bairro Santo Antônio. BR356 chega à Viçosa pela direção sudeste (Coimbra, São Geraldo). E ainda a

MG280, que corta o centro de Viçosa e direciona-se através da rua Padre Serafim em direção aos municípios à sudoeste região (Paula Cândido e Ubá) (Figura 5).

Para que se faça uma releitura acerca do processo de ocupação do tecido urbano da cidade é necessário relacioná-lo à geohistória do município. Viçosa recebe o rótulo/status de “cidade universitária” devido a expressividade de sua função no setor educacional, a presença da Universidade Federal de Viçosa (UFV) é responsável por essa caracterização e também está ligada à aceleração da expansão urbana da cidade. Assim sendo, é importante remeter ao processo de urbanização que antecedeu a chegada e crescimento da Universidade Federal de Viçosa (UFV) para entender seu papel ao longo da história².

O esgotamento das jazidas de ouro na região de Ouro Preto no final do século XVIII acarretou uma reorganização do espaço em Minas Gerais. As cidades que durante o período aurífero funcionaram como locais de suporte na produção de alimentos para abastecer as cidades voltadas estritamente para extração do ouro, passaram a receber imigrantes das áreas mineradoras em busca de terras agricultáveis. Viçosa, que já havia sido instituída durante o Ciclo do Ouro, se enquadra nesse rol de cidades.

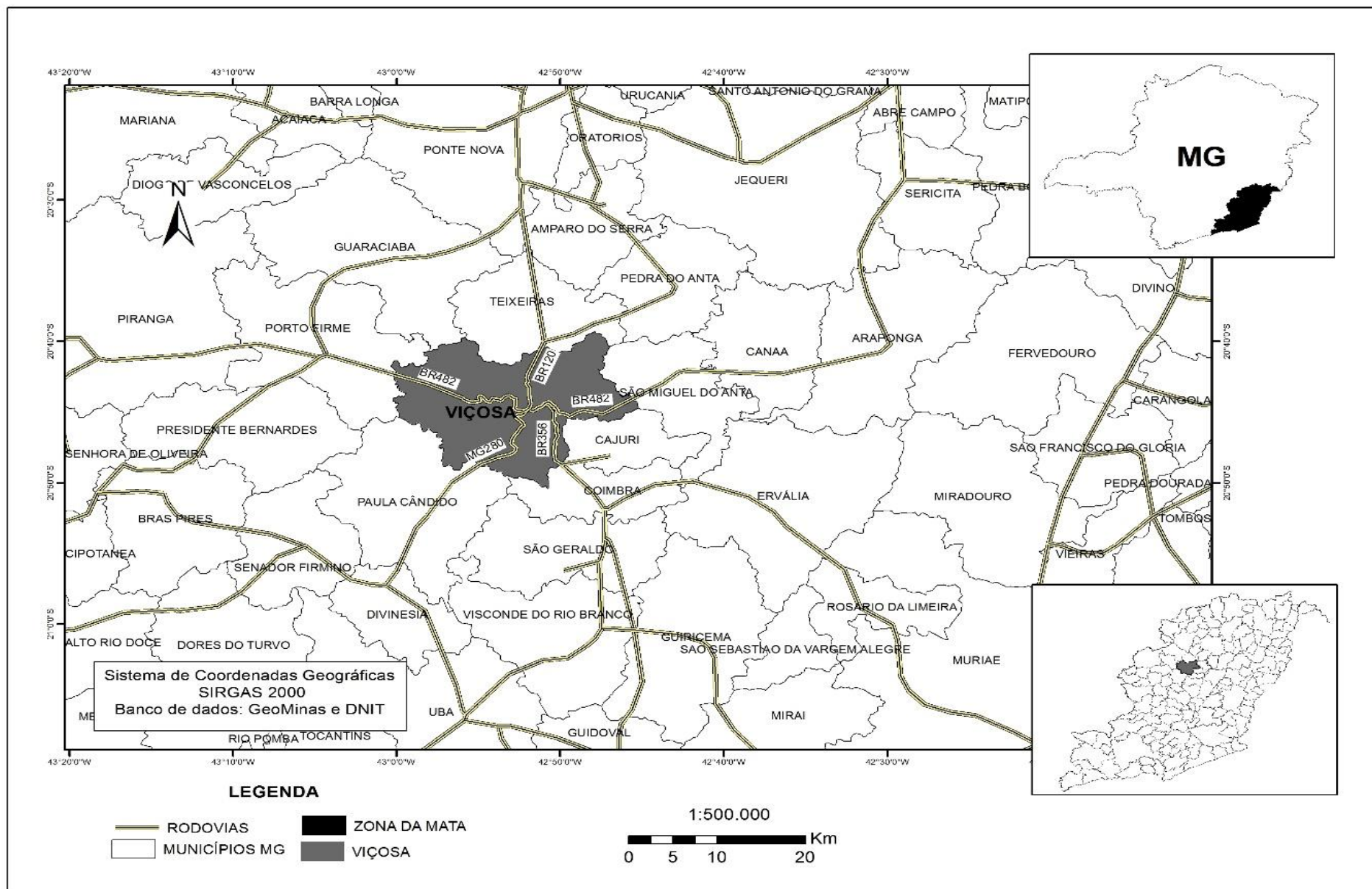
Mello (2002), em sua análise acerca da urbanização de Viçosa, estabeleceu um recorte temporal baseados em quatro períodos. Quais sejam; 1805 (origem do município), 1813 a 1900 (primeira expansão), 1900 a 1960 e o crescimento a partir de 1960. Acrescenta-se aqui outro importante marco que foi a aderência da UFV ao programa REUNI³ em 2007.

No período em que o autor denomina como origem do município, a tradição da época em que grandes fazendeiros doavam terras para igreja levou à construção de uma capela no local onde hoje se localiza a Capela dos Passos, na rua dos Passos para Santa Rita, figura religiosa que se tornaria a padroeira da cidade. Em 1813 foi construída outra capela para Santa Rita, localizada na praça Silviano Brandão, o que ocasionou a mudança da sede da igreja da rua dos Passos e impulsionou novo desenvolvimento (ALENCAR,1989). Neste período, o qual Mello (2002) denominou de “primeira expansão”, Viçosa foi elevada à condição de vila em 30 de setembro de 1871 e a cidade em 03 de junho de 1876.

² A presença da Universidade Federal de Viçosa levou a produção de muitos trabalhos que abordam diversos temas sobre a cidade. Como nosso propósito aqui não é fazer uma extensa revisão geohistórica do município, mas uma breve caracterização de seu processo de urbanização, selecionamos dissertações e textos que tratam especificamente da urbanização da cidade.

³ O Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que tem como principal objetivo ampliar o acesso e a permanência na educação superior.

FIGURA 5: LOCALIZAÇÃO DE VIÇOSA E RODOVIAS DE ACESSO



A cultura do café que se adaptou agradavelmente às condições climáticas da cidade, logo encobriu os morros e encostas acidentados, destruiu a cobertura vegetal original e empobreceu o solo. Entretanto, a produção do café foi importante para instalação da estrada de ferro “The Leopoldina Railway” que além de ligar Viçosa às cidades de sua região e a cidades maiores, impulsionou e espalhou o crescimento do tecido urbano em torno da malha ferroviária (ALENCAR, 1959).

Entretanto, o maior agente de expansão urbana de Viçosa ainda estava por vir. No ano de 1920 durante o governo do estado de Minas Gerais por Arthur da Silva Bernardes (1918-1922) ocorreu a edição do ato legal de criação da Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) pelo Estado de MG, a Lei n.761 de 6 de setembro (SILVA, 2008, p.1). A contratação de Peter Henry Rolfs para estudar a região e programar a instalação da ESAV aos moldes das escolas agrícolas estadunidenses foi realizada pelo próprio presidente Bernardes. É importante ressaltar que são inúmeras as especulações sobre a escolha da cidade de Arthur Bernardes para sediar a ESAV, entretanto não se pretende avançar nesta discussão no presente trabalho (SILVA, 2008).

A ESAV, foi instalada na área mais plana do território de Viçosa, caracterizada pela planície fluvial, através da desapropriação dos agricultores que residiam na área escolhida por P. H. Rolfs. Desde então, mesmo antes da instalação no marco das quatro pilastras, observa-se o crescimento urbano de Viçosa compartimentado a partir dos limites da então ESAV e futura UFV.

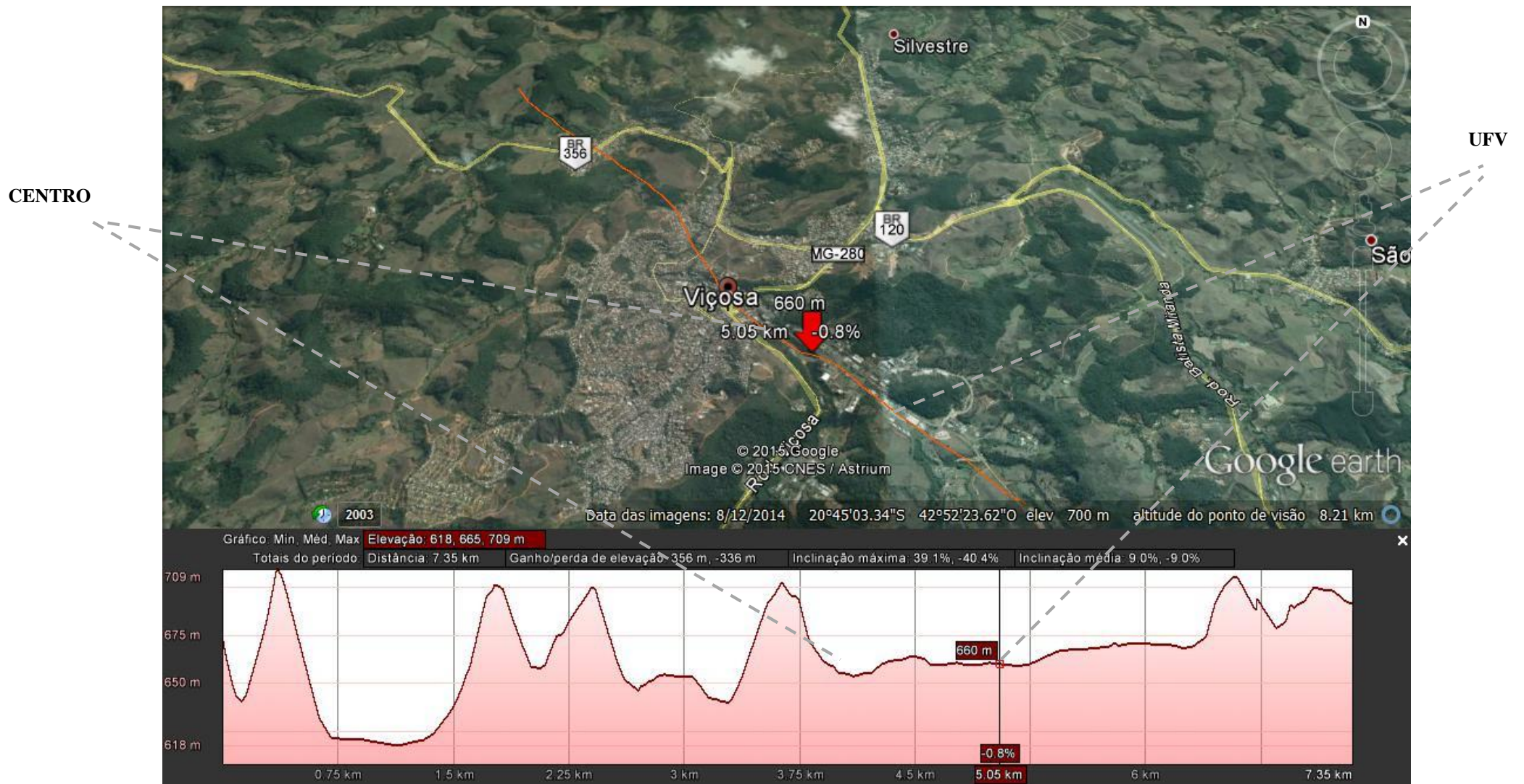
O projeto de universidade que se planejou visava, sobretudo, que esta não dependesse de serviços da cidade, de forma que dentro do campus conseguisse abrigar um número de serviços variados que atendesse às pessoas envolvidas com a ESAV. Silva (p.60, 2014) coloca que neste período inicial, a instituição não trouxe modificações a forma da cidade, pois localizava-se longe do núcleo urbano principal da cidade e era autossuficiente até em quesitos de moradia para funcionários e alunos.

Este quadro denominado de autossuficiência foi se alterando com o passar dos anos. Em 1948 a incorporação da ESAV à Universidade Rural de Minas Gerais – URMG trouxe consigo a ampliação dos cursos e a vinda de mais professores dos Estados Unidos. Entretanto, foi a partir da federalização da ESAV e a incorporação da UFV em 1969 que a instituição passou a influir mais incisivamente sobre a cidade.

O *campus* que antes ficava afastado do núcleo central da cidade tornou-se fator de atração e centralidade. A ocupação do tecido urbano começou a ser modificada, a mancha urbana que obedecia às áreas de baixa declividade se expandiu em meio ao vale montanhoso,

às margens do rio São Bartolomeu afluente do rio Turvo, começou a avançar para outras áreas. Do período da federalização em diante, a intensificação da área construída alçou as encostas e o relevo predominantemente acidentado vem sendo ocupado por edificações e vias que além de contrariar as leis municipais, desconsideram muito a própria natureza do espaço. No perfil topográfico (Figura 6) traçado sobre o município, pode-se observar a mancha urbana que se expande sobre o terreno declivoso.

FIGURA 6: PERFIL TOPOGRÁFICO DE VIÇOSA-MG



Fonte: Adaptado Google Earth, 2015

Neste perfil topográfico é possível notar a localização privilegiada da UFV na área mais plana da cidade. Também é importante observar a localização da área central praticamente no terreno de mesmo grau de inclinação da área correspondente a UFV, em torno de 1%. Entretanto, as demais áreas de ocupação do tecido urbano encontram-se na porção declivosa do terreno.

Diante do exposto, com base nas referências pesquisadas, podemos observar que a partir do período da federalização da UFV tem-se início indiscriminada especulação imobiliária na cidade, aumento descontrolado de construções em altura, aparição de condomínios de diferenciação socioeconômica, além da intensificação do trânsito. Com isso, o tecido urbano ganhou uma complexificação que vem se acentuando e sobrepondo diferentes camadas de ocupação ao longo dos anos por meio das brechas das leis municipais.

O que ocorreu e ocorre em Viçosa é recorrente na maioria das cidades brasileiras. Geralmente as cidades não possuem uma política de planejamento urbano, com leis rígidas. Adiciona-se a isso os interesses políticos e capitalistas. Tem-se então este panorama de cidades despreparadas para receber empreendimentos sofrendo drásticos prejuízos ambientais, paisagísticos etc.

3.2 Caracterização da população

Como já discutido, os dados demográficos não são o fator determinante para classificação de uma cidade como média. Entretanto, não devemos descartar esta variável que é um importante indicador do tamanho do mercado local, da infraestrutura urbana ou da concentração de atividades (AMORIM FILHO; RIGOTTI, 2003). Assim, neste tópico discutir-se-á os dados quantitativos que compõe a estrutura populacional de Viçosa, suas características e influência sobre o espaço urbano.

A caracterização populacional de Viçosa conta com um fator peculiar que se trata da população considerada flutuante⁴, cerca de 15.000 pessoas são estudantes de graduação e pós-graduação da UFV e não compõe as pesquisas de contagem. Para uma grande cidade, estruturada, receber um campus de universidade que movimenta ao longo dos anos um contingente populacional como este pode não ser expressiva a mudança em seu espaço intraurbano. No entanto, para Viçosa é esta população flutuante em conjunto com a população fixa, algo em torno de 77.502 (Estimativa do IBGE para 2015) que vai colocá-la no limiar populacional de uma cidade média. Na tabela um pode-se observar a evolução populacional de Viçosa.

TABELA 1: EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO URBANA E RURAL DE VIÇOSA, MG –PERÍODO 1970-2014*

ANO	URBANA	%	RURAL	%	TOTAL	%
1970	17.000	65,9	8.784	34,1	25.784	100
1980	31.179	80,6	7.507	19,4	38.686	100
1991	46.456	89,9	5.202	10,1	51.658	100
2000	59.792	92,2	5.062	7,8	64.854	100
2010	67.305	93,2	4.915	6,8	72.220	100
2014*	72.231	93,2	5.271	6,8	77.502	100

FONTE: CENSUS – Retrato Social de Viçosa

*Valores estimados pelo CENSUS 2014

⁴ Este dado está baseado na contagem realizada pela própria UFV semestralmente a respeito dos alunos matriculados. Disponível no site da instituição conforme citado nas referências bibliográficas.

Baseando-se na reflexão acerca da influência que a Universidade Federal de Viçosa passou a exercer sobre o espaço intraurbano de Viçosa a partir de sua federalização (1969), nota-se na tabela um que em uma década (1970-1980) a população residente na área urbana aumentou em 14.179 habitantes, enquanto a população rural obteve um decréscimo. Panorama que se repete no decorrer dos anos, com algumas variações. Observa-se também a concentração da população na área urbana. Em quarenta anos a população rural reduziu-se em cerca de 27,3 %, enquanto atualmente 93,2% da população encontra-se na área urbana.

O acelerado crescimento populacional trouxe consigo uma série de mudanças para cidade. Deve-se atentar que estamos falando de uma população específica, os estudantes, que traz consigo necessidades de consumo atreladas a faixa etária, fase da vida e situação econômica que a condição de estudante pressupõe. Ou seja, ao longo dos anos, variados estabelecimentos comerciais vêm ocupando áreas específicas da cidade visando atender a esta demanda diferenciada. Além dos estudantes, deve-se considerar também o número de professores e profissionais envolvidos direta/indiretamente com a UFV que compõem uma parcela de nível socioeconômico mais elevado e que buscam outros espaços específicos de consumo.

A mudança do padrão de consumo comercial e de serviços seguiu a mudança da estrutura residencial que vem privilegiando as aglomerações verticalizadas, para atender a demanda de ocupação desta população que quer residir nas proximidades na UFV. Tais atividades e áreas de concentração serão discutidas mais adiante, quando tratar-se-á das áreas que compõe o zoneamento morfológico funcional de Viçosa.

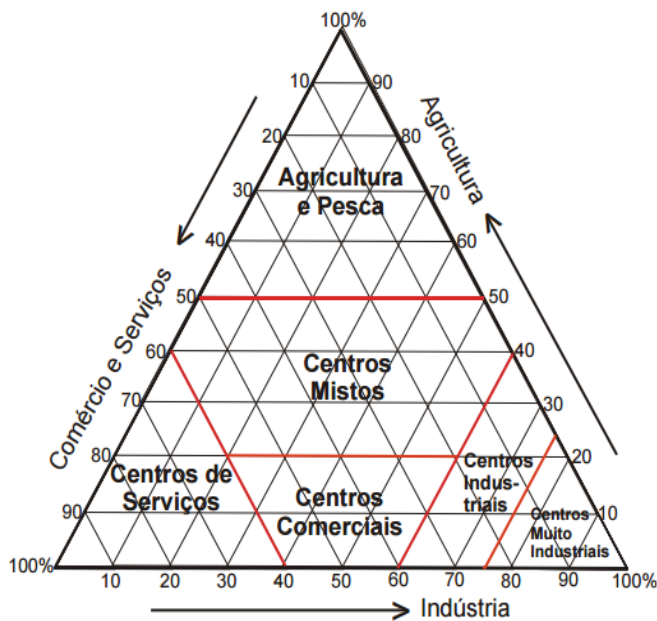
Diante do exposto, observa-se que a população de Viçosa vivencia um espaço marcado pela forte influência do contingente populacional movimentado pela UFV, que cria e recria espaços nem sempre universais. Muitos deles produtores de bruscas segregações e fragmentações no espaço intraurbano desta cidade.

3.3 Funções urbanas; um olhar econômico

Sena (2005, p.78), baseado em clássicos da geografia urbana como, Pierre Geoge, Beaujeu-Garnier e Georges Chabot, coloca que o conjunto de atividades básicas (ou de atividade principal) desempenhadas por uma cidade chama-se de função. Assinala que a função de uma cidade está baseada num grupo de atividades que justificam a existência e o desenvolvimento de uma cidade (SENA, 2005,p.79). Com base nestes apontamentos, o presente tópico apresenta uma discussão acerca dos setores da economia a fim de caracterizar em qual

grupo de funções Viçosa se encaixa. Como feito por Sena (2005), foi construído um gráfico baseado no “diagrama da distribuição de cidades” segundo suas funções, proposto por Beaujeu-Garnier e Georges Chabot (Figura 7) a partir dos dados que compõe o Produto Interno Bruto-PIB de Viçosa.

Figura 7: “diagrama da distribuição de cidades”



Fonte: APOLINÁRIO, F. 2010

O Produto Interno Bruto (PIB) é uma forma de se calcular a atividade econômica de uma determinada região (cidade, estado ou país). Para o cálculo do PIB considera-se a soma em valores monetários das atividades de agropecuária, indústria e serviços produzidos por uma região em um determinado período (IBGE). Entende-se que a progressão do PIB representa o grau de desenvolvimento de uma determinada região. Depreende-se que quanto maior o PIB, maior a capacidade de produção, e, por consequência, o consumo da região também será potencializado devido a circulação da economia. Assim sendo, o PIB é um importante indicador para a caracterização das atividades desenvolvidas em uma região e aponta os principais ramos de atuação em termos das atividades de agropecuária, indústria e serviços que compõem respectivamente os setores primário, secundário e terciário. É importante ressaltar que o órgão responsável pelo cálculo e divulgação dos resultados do PIB é o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Para caracterização funcional de Viçosa, expõe-se aqui o PIB dos anos de 2002 e 2012. A escolha destes períodos de mensuração do PIB não denota intencionalidade a partir de marcos desenvolvimento da cidade, o propósito foi observar a evolução do PIB em uma década apenas.

Os gráficos e tabelas demonstram que a atividade de serviços sofreu um insignificante decréscimo de 2% em dez anos. Insignificante, pois o setor de serviços/terciário continua sendo o setor de maior destaque da produção de Viçosa. A parcela que compõe as atividades de agropecuária reduziu-se em 1%, valor significativo ao se pensar que em 2002 a porcentagem correspondente a este setor era de 4%. O setor industrial, mesmo com um tímido crescimento entre os anos de análises ainda demonstra a incipiência desta atividade em Viçosa.

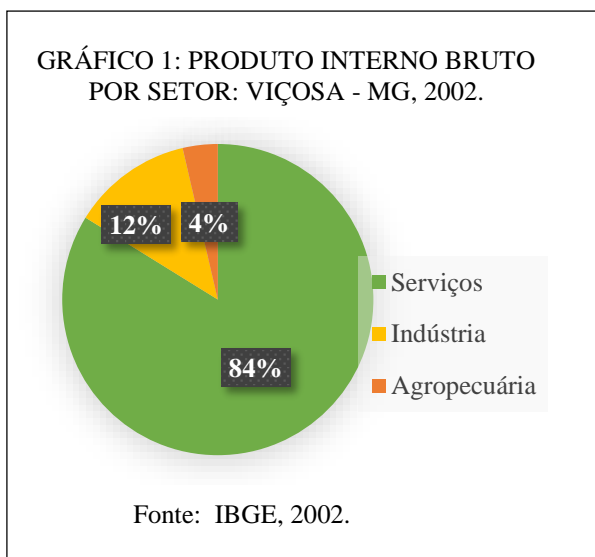


FIGURA 8: LOCALIZAÇÃO DE VIÇOSA NO “DIAGRAMA DA DISTRIBUIÇÃO DE CIDADES”



Fonte: Adaptado de APOLINÁRIO, F. 2010.

Através da análise da composição do PIB do município de Viçosa (Gráficos 1 e 2) e a sua localização no diagrama da distribuição de cidades (Figura 8) observa-se sua potencialidade como “centro de serviços”. A concentração do PIB de 82% nas atividades de serviços apontam para um importante indicador na caracterização das cidades médias, se trata da especialização funcional. Para Soares (2009, p.109) entender as funções das cidades médias no sistema urbano brasileiro contribui para a difícil tarefa de classificação dessas cidades, uma vez que suas funcionalidades na rede urbana estão associadas diretamente ao consumo de mercadoria.

Viçosa vem recebendo uma diversidade de empreendimentos de comércio e serviços que antes não predominavam espaços não metropolitanos. São redes de eletrodomésticos e franquias de abrangência estadual, nacional e internacional que incrementam o setor terciário atraídos por um público específico. É notável que nos últimos anos Viçosa tem integrado ao seu espaço um rol de estabelecimentos voltados para alimentação do tipo *fast food* que se agregam perfeitamente ao estilo de vida estudantil.

Por conseguinte, observa-se também o destaque no setor dos serviços que incrementam a função escolar exercida pela cidade. Além da UFV, o município possui instituições de ensino superior privadas, colégios particulares, cursinhos pré-vestibular e junto a isso estabelecimentos comerciais como papelarias e copiadoras. Desta forma, conclui-se nesta etapa do trabalho uma caracterização, ainda que preliminar, das funções econômicas de Viçosa como centro de serviços.

4 A CIDADE E SUAS CONEXÕES

A análise que se propôs metodologicamente segue neste capítulo com uma discussão que versará a respeito dos dados que visam demonstrar o papel de Viçosa em seu espaço regional e sua relação com este. Logo, intenciona-se refletir acerca das variáveis que compõe o campo de análise do espaço interurbano (SPOSITO, 2009). O capítulo está subdividido em três partes, nas quais expõem-se em primeiro lugar a identificação de Viçosa em estudos sobre hierarquia urbana, depois explora-se dados referentes aos fluxos de ônibus que partem de Viçosa e por último buscou-se apontar uma comparação econômica entre as cidades que compõe a microrregião de Viçosa.

4.1 Viçosa nos estudos sobre hierarquia urbana

Os estudos sobre hierarquia urbana são empreitadas realizadas há muito tempo por geógrafos. Tais estudos sempre visaram encontrar níveis classificatórios por meio de um grupo de variáveis capazes de descrever os grupos de cidades. Ao longo dos anos, os estudos que tiveram continuidade agregaram e moldaram as variáveis de acordo com o período de análise. Com isso, a fim de entender o posicionamento de Viçosa nesses estudos, a presente discussão explorará duas classificações principais: uma proposta de abrangência nacional executada pelo IBGE e outra desenvolvida por Amorim Filho e associados que estudaram especificamente as cidades médias de Minas Gerais (Quadro 2).

O estudo realizado pelo IBGE trata-se da Regiões de Influência das Cidades (REGIC). Esta proposta tem três edições publicadas nos respectivos anos 1987, 1993 e 2007. Os estudos são baseados na teoria das localidades centrais do geógrafo alemão Walter Christaller⁵. Em linhas gerais, o objetivo principal da teoria dos lugares centrais é explicar a organização espacial

5 Cristaller escreveu o livro em 1933, mas o seu trabalho, com a ênfase na teoria e na ordem, só se tornou bem conhecido por volta de 1950 e só foi traduzido para inglês em 1966. (Bradford; Kent, 1987, p.17)

O autor propôs um modelo de análise do espaço para uma situação ideal, onde os núcleos centralizadores de bens e serviços evoluíssem em regiões concêntricas seguindo um padrão. A teoria pressupõe um espaço linear, com evolução linear. Por esse entre outros motivos, a teoria das localidades centrais sofreu críticas de diferentes formas, sejam elas positivas ou negativas. Talvez o maior impasse esteja relacionado a uma proposição de evolução linear, pois quando se estuda um espaço que é atravessado e modificado pela sociedade não é possível traçar um panorama de evolução linear. Os interesses e fluxos das comunidades mudam constantemente. Entretanto, este fator não tira a validade da teoria que explora interessante vertente de se analisar o espaço sendo utilizada sob diferentes óticas pelos estudiosos.

das povoações e das áreas de influência, em particular a sua localização relativa e dimensão (Bradford; Kent, 1987, p.18).

A primeira edição da REGIC foi a continuidade de um outro estudo que dividia o Brasil em regiões funcionais publicado em 1972. Dez anos após a realização deste estudo houve a necessidade de incorporar outras variáveis e realizar novos questionários para atualização, então cria-se a primeira REGIC. Neste estudo, as 1.416 cidades selecionadas deveriam dispor de um número mínimo de atividades urbanas que potencialmente as capacitassem a exercer uma centralidade extramunicipal (IBGE, 1987). Os questionários incluíram 76 atividades de bens e serviços, e as perguntas procuraram responder qual era a cidade de procedência das pessoas que procuravam estes bens na cidade e quais as cidades os moradores dos municípios usualmente recorreriam para a compra dos artigos indicados (IBGE, 1987). Deste estudo resultaram cinco níveis de hierárquicos de classificação das cidades de acordo com o agrupamento dessas atividades por nível. Metrópole regional (11), centro submetropolitano (14), capital regional (82), centro sub-regional (158) e centro de zona (1.151) (IBGE, 1987).

QUADRO 2: CLASSIFICAÇÃO DE VIÇOSA EM ESTUDOS DE HIERARQUIA URBANA

AUTOR	ANO	ESTUDO	CLASSIFICAÇÃO
Amorim Filho, O. B.; Bueno, M. E. T.; Abreu, J. F.	1982	Hierarquia das cidades de porte médio em Minas Gerais	Cidade média propriamente dita
IBGE – Coordenação Roberto Lobato Azevedo Corrêa	1987	REGIC (Revisão atualizada do estudo Divisão do Brasil em Regiões Funcionais).	Centro sub-regional
IBGE – Coordenação: Maria Carvalho Carneiro e Luiz Alberto dos Reis Gonçalves	1993	REGIC	Forte
Amorim Filho.; Abreu, J. F.	1999	Eixos de desenvolvimento em Minas Gerais e suas tecnópolis	Cidade média propriamente dita
Amorim Filho, O. B.; RIGOTTI, J.I.R	2002	Níveis hierárquicos das cidades médias levando-se em conta a população	Cidade média propriamente dita
IBGE	2007	REGIC	Centro Sub-regional B

Fonte: IBGE, AMORIM FILHO & RIGOTTI.

Elaboração: Ítala Luzia de Andrade. 2015.

Neste estudo foram consideradas 227 cidades em Minas Gérias. Viçosa foi classificada como centro subregional, subordinada a metrópole regional Belo Horizonte. A área de influência de Viçosa foi delimitada em 10 municípios subordinados a ela. Neste período, o centro subregional deveria possuir os bens e serviços expostos no quadro 3.

QUADRO 3: BENS E SERVIÇOS PARA CLASSIFICAÇÃO DE UM CENTRO SUBREGIONAL – REGIC 1987

NÍVEL HIERÁRQUICO	RAMO DE ATIVIDADE	BENS E SERVIÇOS
Centro sub-regional		1. Arados e tratores
		2. Televisores
		3. Cortinas e tapetes
		4. Máquinas de escrever
	Comércio varejista	5. Veículos Ford ou General Motors
		6. Bicicletas
		7. Motores e bombas
		8. Azulejos decorados
		9. Maquinas fotográficas
		10. Óculos com receita médica
		11. Produtos alimentares em conserva
	Comércio atacadista e representações	12. Material de limpeza doméstica
		13. Artigos de armarinho
		14. Gás de bujão
		15. Material para construção civil
		16. Médico pediatra
		17. Médico ginecologista
	Serviços	18. Médico otorrinolaringologista
		19. Faculdade de filosofia, ciências e letras
		20. Serviços de engenharia

Fonte: IBGE, 1987.

Elaboração: Ítala Luzia de Andrade, 2015.

A segunda REGIC foi publicada no ano 2000 e foi baseada em dados de 1993 com metodologia semelhante a anterior. Neste estudo foram elaboradas matrizes descritivas a partir de 46 funções centrais (bens e serviços) entre elas, 14 consideradas de baixa complexidade e frequentes nas cidades de hierarquia mais baixa ou de menor nível de centralidade, 30 funções de fluxo de média e elevada complexidade e definidores de hierarquias mais elevadas que as primeiras. Foram acrescentadas duas funções relativas a busca de serviços de informação. Desta forma, conduziu-se a pesquisa com 2.106 centros dos 4.495 existentes naquele ano (IBGE, 2000). O quadro geral de hierarquia urbana resultou em 8 diferentes níveis de centralidade: máximo (9), muito forte (24), forte (35), forte para médio (108), médio (141), médio para fraco (195), fraco (250) e muito fraco (3.733).

Nesta REGIC, Viçosa aparece classificada com nível de influência forte, pertencendo a área de atuação de Juiz de Fora. O quadro de cidades subordinadas a Viçosa não sofreu alteração neste período permanecendo com o número de 10 cidades em sua região de influência.

É interessante apontar uma questão observada durante a análise que gerou inquietações e possibilidade de comparação. A cidade de Teófilo Otoni estudada por Battela (2013)⁶ aparece nesta REGIC no mesmo nível hierárquico que Viçosa, forte, mas sua área de influência inclui 56 cidades subordinadas. Ao considerar os contextos de evolução das duas cidades evidencia-se a diversidade das cidades do estado de Minas Gerais e principalmente o fato de que o grau de centralidade de uma cidade varia muito de acordo com a região a qual se enquadra.

Por conseguinte, o estudo mais recente, publicado em 2008, baseia-se em dados do ano anterior. Desta vez foram estudados 4.625 de municípios dos 5.564 existentes no ano de 2007, sobre este dado é interessante notar como a abrangência quantitativa da pesquisa evoluiu no decorrer dos anos. Com relação aos procedimentos metodológicos privilegiou-se neste estudo a função de gestão do território (IBGE, 2008). Considerou-se que:

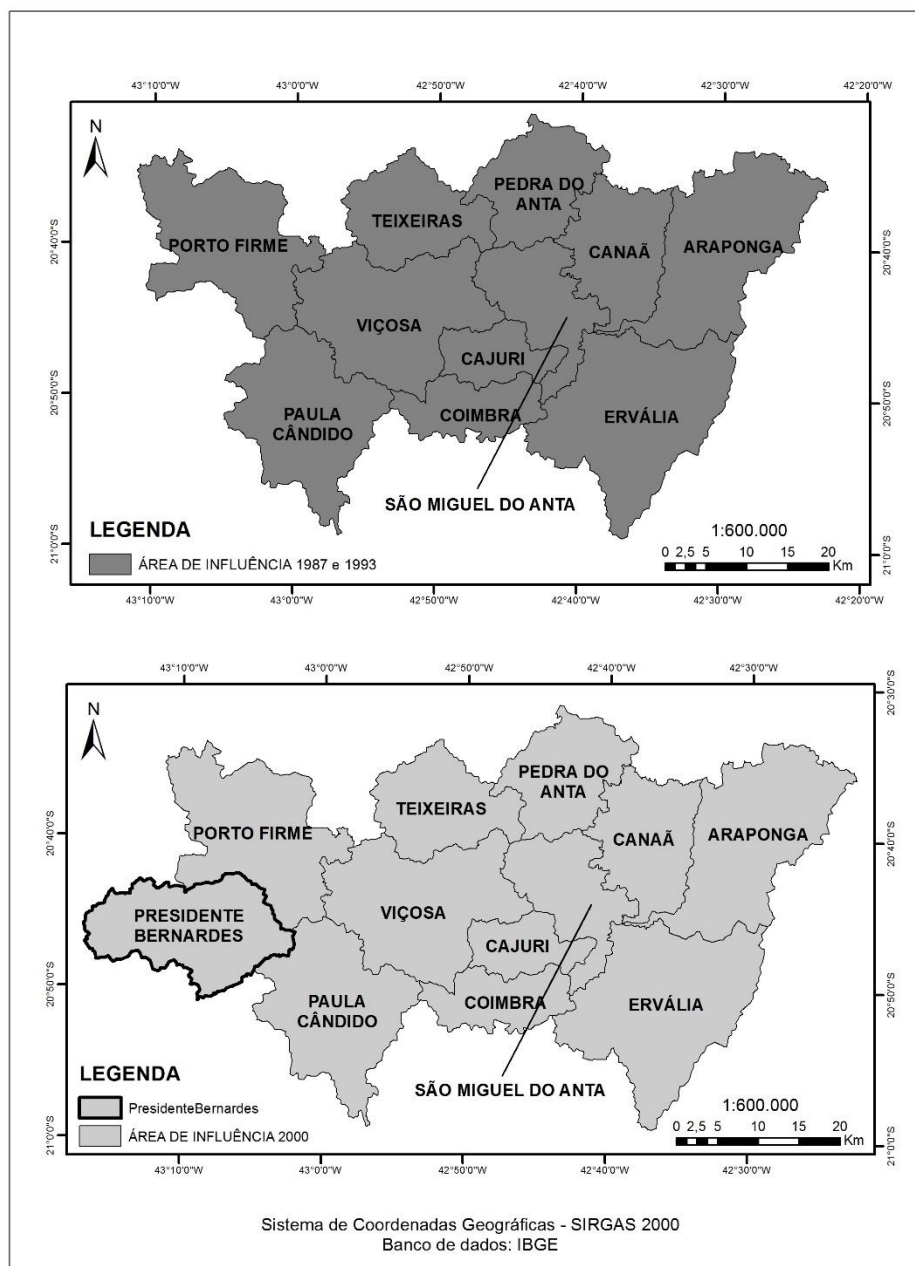
centro de gestão do território [...] é aquela cidade onde se localizam, de um lado, os diversos órgãos do Estado e, de outro, as sedes de empresas cujas decisões afetam direta ou indiretamente um dado espaço que passa a ficar sob o controle da cidade através das empresas nela sediadas (CORRÊA, 1995, p.83 *apud* IBGE, 2008, p.131).

Os dados que compõem a pesquisa avançaram para além dos questionários, “informações secundárias e registros administrativos, tanto de órgãos estatais quanto de empresas privadas” (IBGE, 2008, P. 130) foram incorporados junto a estudos enfocando diferentes equipamentos e serviços. Estas variáveis contribuíram para identificação dos núcleos de gestão do território. A finalização da pesquisa abordou a relação entre as cidades componentes dos diferentes níveis de gestão do território e as respectivas áreas de influência. Assim, as cidades foram classificadas em quatro níveis divididos em subníveis: Grande Metrópole Nacional (1), Metrópole Nacional (2), Metrópole (9), Capital Regional A (11), Capital Regional B (20), Capital Regional C (39), Centro Sub-regional A (85), Centro Sub-regional B (79), Centro de Zona A (192), Centro de Zona B (364).

Viçosa por sua vez encontra-se classificada como Centro subregional B, subordinado a metrópole Belo Horizonte e ao Centro subregional A Ponte Nova. Com relação às cidades subordinadas à Viçosa, neste estudo identificaram-se 11, entretanto cabe ressaltar que o município acrescido nesta edição da REGIC, Presidente Bernardes, foi classificado como um centro de múltipla subordinação, ou seja, o Centro regional A de Ubá também exerce influência sobre a cidade de Presidente Bernardes. A figura 9 busca demonstrar a evolução da região de influência de Viçosa nos três estudos.

⁶ “Os limiares das cidades médias”, tese de doutoramento defendida na Universidade Estadual de São Paulo – UNESP, campus Presidente Prudente.

FIGURA 9: VIÇOSA: REGIÃO DE INFLUÊNCIA 1987, 1993 E 2000.



Elaboração: Ítala Luzia de Andrade, 2015.

Após discutirmos o posicionamento de Viçosa em um estudo de hierarquia urbana de abrangência nacional propõe-se analisar a classificação da cidade nos estudos sobre a hierarquia urbana realizados por Amorim Filho e seus colaboradores. O autor que produziu significantes contribuições sobre as cidades médias de Minas Gerais e se dedicou por um longo período a levantar variáveis que fossem capazes de caracterizar este tipo de cidade. Por meio de suas pesquisas elaborou três classificações: a primeira foi publicada em 1982, a segunda em 1999 e a última em 2006.

A pesquisa que resultou na primeira classificação foi realizada nos anos de 1975 e 1981. Para a seleção das cidades estudadas adotou-se metodologicamente excluir Belo Horizonte e sua região metropolitana, pois mesmo que no entorno da capital houvessem cidades médias estas encontram-se influenciadas pela polarização da metrópole. Os pesquisadores optaram por um limiar demográfico inferior de 10.000 mil habitantes. Logo, dos 722 municípios existentes naquele período 102 foram pesquisados.

Para classificação das cidades e tratamento dos dados a equipe utilizou uma prática que na época não era comum no Brasil, a Análise de Componentes Principais (ACP). Para essa classificação estatística das 102 cidades, 25 variáveis foram selecionadas⁷. Os resultados da pesquisa revelaram a diversidade existente entre as cidades médias, movimento contrário ao que se estudava até então, pois alguns estudos monográficos levavam a crer que o grupo das cidades médias fossem um grupo compacto, formado por cidades muito semelhantes entre si (AMORIM FILHO; RIGOTTI, 2007, p.9). Foram identificados 4 níveis hierárquicos: grandes centros regionais (1), cidades médias de nível superior (13), cidades médias propriamente ditas (43), centros emergentes (45). Neste estudo Viçosa foi incluída no nível 3, cidade média propriamente dita.

A segunda classificação foi revelada em 1999, e a pesquisa teve duração de dois anos (1997-1998). Mantem-se as variáveis da pesquisa anterior e acrescentaram duas: potencialidade para iniciativas de tecnologia de ponta e algumas variáveis ligadas ao tema da qualidade de vida urbana, inclusive o IDH (AMORIM FILHO; RIGOTTI, 2007, p.12). Ao término da pesquisa, as 104 cidades analisadas enquadraram-se da seguinte forma: Grandes centros regionais (2), cidades médias de nível superior (18), cidades médias propriamente ditas (26), centros emergentes (59). É interessante observar a mudança ocorrida na classificação com o refinamento das variáveis da pesquisa anterior para esta. Especialmente o nível 3 das cidades médias propriamente ditas, o qual Viçosa permaneceu, 43 cidades foram classificadas no primeiro estudo e no segundo apenas 26. A variável potencialidade para iniciativas de tecnologia de ponta pode ter sido a principal responsável pela reclassificação de algumas cidades.

A terceira e última classificação é do ano de 2006, 131 cidades foram selecionadas pertencentes ao limiar demográfico inferior de 14.000 mil habitantes. Para análise estatística, a

⁷ As variáveis referiam-se aos seguintes parâmetros: crescimento da população urbana, migrações, distribuição setorial da população ativa, arrecadação municipal, equipamentos e relações dos setores comercial e de serviços, equipamentos e relações do setor industrial, infraestrutura de comunicação em geral e posição da cidade considerada na rede urbana regional. (AMORIM FILHO; RIGOTTI, 2007, p.8)

ACP considerou 39 variáveis enquadradas em 3 indicadores: demografia, atividades econômicas (agropecuárias e extrativistas, industriais, comerciais e de serviços) e comunicações e transportes. Neste estudo Viçosa permanece enquanto cidade média propriamente dita.

Diante do exposto, nota-se algumas questões principais. Nos estudos de Amorim Filho em que foi priorizada a escala estadual, Viçosa não sofreu modificações em sua classificação no decorrer dos estudos mesmo com a mudança de algumas variáveis. Quando se tratou de um estudo de abrangência nacional, Viçosa mudou de nível hierárquico nos três estudos. Assim, ao analisar estudos de hierarquia urbana para tentar classificar uma cidade é importante considerar a escala de análise e o período, pois julgar o grau de centralidade de uma cidade também dependerá de tais conotações. O grau de centralidade de uma cidade como Viçosa num estudo de escala nacional é diferenciado de um estudo específico sobre o estado que faz parte.

4.2 Viçosa e suas relações

Santos (1999) considerou em primeira hipótese o espaço como um conjunto de fixos e fluxos. O autor coloca que os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam e redefinem o lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também se modificam. Fixos e fluxos interagindo, expressam a realidade geográfica e é desse modo que conjuntamente aparecem como um objeto possível para a geografia. Foi assim em todos os tempos, só que hoje os fixos são cada vez mais artificiais, e fixados ao solo e os fluxos são cada vez mais numerosos, mais diversos, mais rápidos.

A respeito dos fluxos, Villaça (1998; p.21) aponta que a estruturação do espaço intraurbano é dominada pelo deslocamento do ser humano, enquanto portador da mercadoria força de trabalho ou enquanto consumidor.

Diante disso, depreende-se das palavras dos autores a importância que os fluxos assumem na produção do espaço, principalmente num período em que a mobilidade das pessoas é intensamente facilitada através da implementação de meios de circulação de diversas naturezas. Assim, nesta etapa do trabalho iremos analisar os fluxos que compõem a rede de circulação de Viçosa. Exploraremos dados relativos as viagens de ônibus que partem de Viçosa em duas instâncias, primeiro para cidades menores e depois para cidades maiores.

O número de cidades que um determinado município se relaciona demonstra o grau de abertura desta cidade e também seu destaque no que tange a oferta de bens e serviços não encontrados em sua região mais próxima. Diariamente partem de Viçosa 249 viagens de ônibus, por meio da operação de seis empresas: Transvitur, Viação Pedra do Anta, Viação Vale do Rio Doce e os grandes grupos Águia Branca, UNIDA e Pássaro verde. Na tabela 2 a seguir podemos observar que o número de viagens partindo de Viçosa para cidades menores é extremamente superior a aquele das cidades maiores.

TABELA 2: VIAGENS DE ÔNIBUS PARTINDO DE VIÇOSA - MG

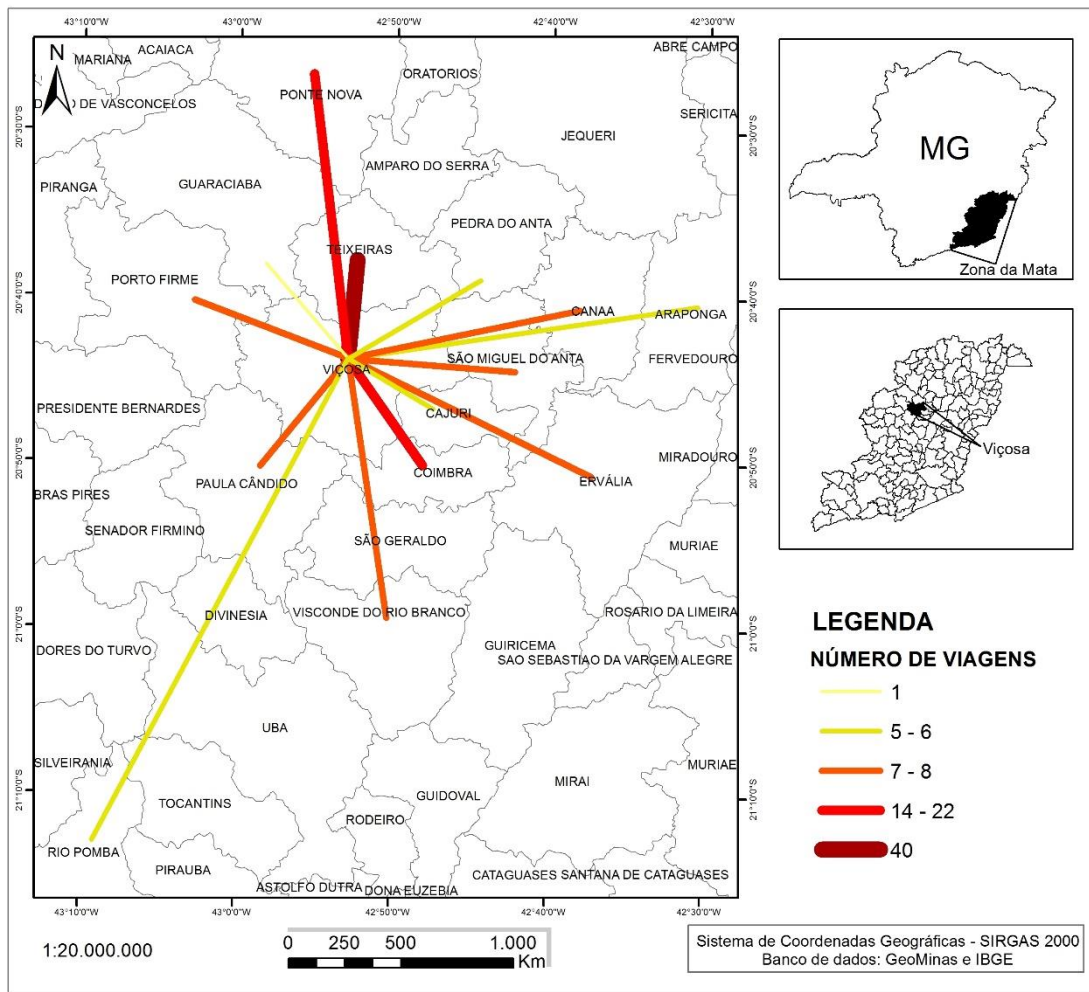
POPULAÇÃO	77.318
CIDADES MENORES QUE SERVE	14
TOTAL DE VIAGENS	249
VIAGENS PARA CIDADES MENORES	218
% DE VIAGENS PARA CIDADES MENORES	87%
CIDADES MAIORES	31
% DE VIAGENS PARA CIDADES MAIORES	13%
VIAGENS SEMANAIS DE ÔNIBUS	1226

Fonte: Trabalhos de campo da autora, 2015.

Desta tabela depreende-se que 218 viagens partem para cidades menores de sua região mais próxima, este número que representa 87% do total de viagens diárias indica a polarização de Viçosa sobre essas cidades menores. Assim sendo, 14 cidades relacionam-se diariamente com Viçosa para usufruir dos bens e serviços oferecidos pela cidade. Na figura 10 que procura demonstrar a intensidade diária dos fluxos de ônibus partindo de Viçosa para cidades menores é possível observar que a cidade que mais recebe viagens partindo de Viçosa é Teixeira, com 40 diárias, seguida de Ponte Nova com 22.

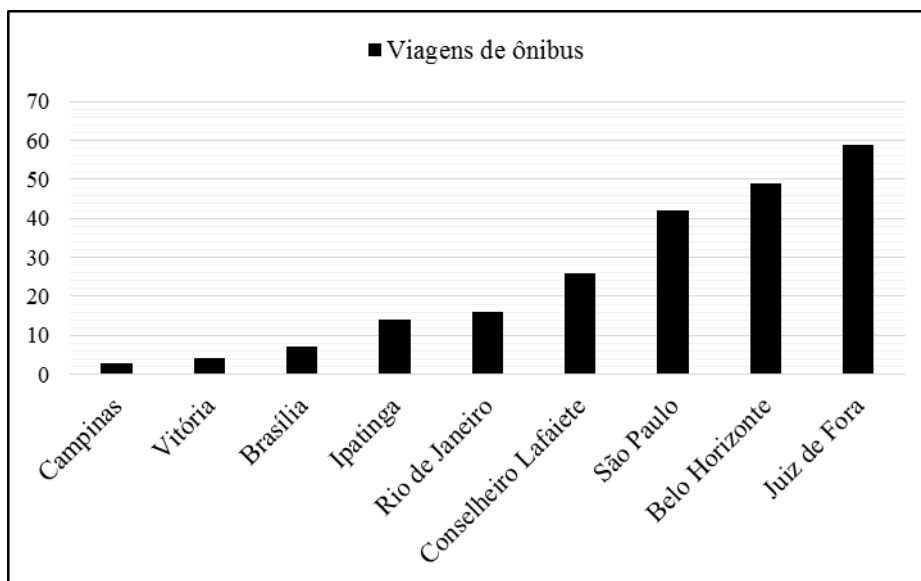
Ao se analisar apenas o quantitativo desses dados que revelam a importância de Viçosa em sua rede de cidades mais próxima não se dá atenção à diversidade de destinos para cidades maiores, mesmo que em menor proporção ao se comparar com os dados relativos as cidades menores. O gráfico 3 demonstra a diversidade de destinos partindo de Viçosa para grandes centros sobre os quais não exerce influência, entretanto estes dados denotam o papel de Viçosa como eixo de ligação em sua região e aponta para um questionamento relativo a presença da universidade que atrai fluxos de todo país e até de outros países.

FIGURA 10: VIAGENS DE ÔNIBUS DIÁRIAS PARTINDO DE VIÇOSA-MG



Fonte: Trabalhos de campo da autora, 2015.
 Elaboração: Ítala Luzia de Andrade, 2015.

GRÁFICO 3: VIAGENS DE ÔNIBUS DIÁRIAS PARA GRANDES CENTROS

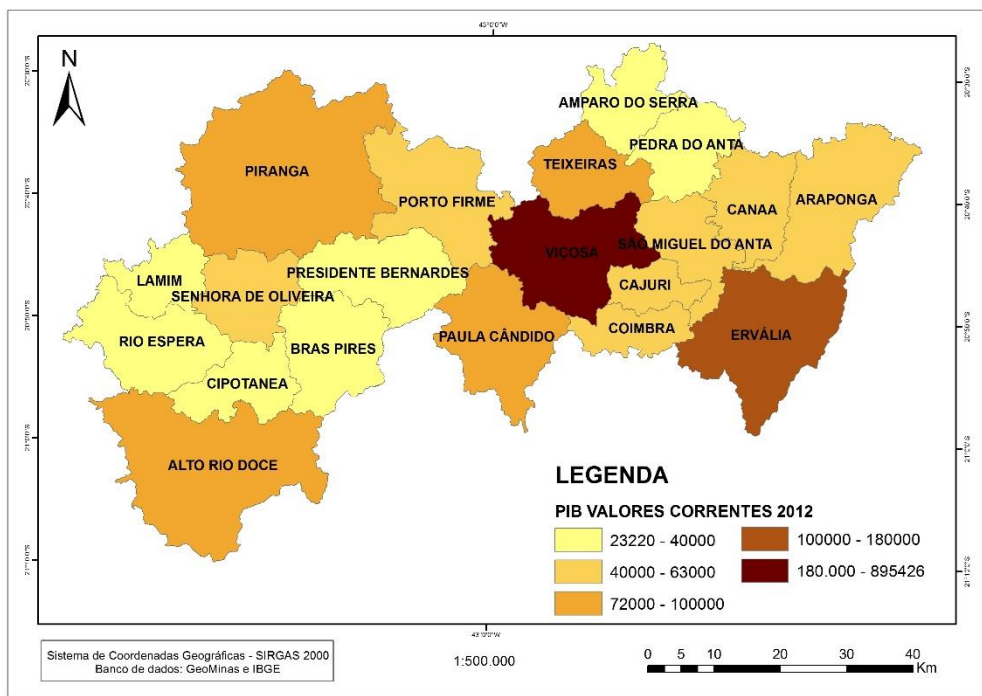


Fonte: Trabalhos de campo da autora, 2015.
 Elaboração: Ítala Luzia de Andrade, 2015.

Acrescentam-se aos destinos oficializados pelas empresas de ônibus, outros que semanalmente e durante os feriados os próprios estudantes organizam através de excursões que partem da UFV e de um posto de gasolina próximo à rodoviária com destinos variados, e, também as vans e micro-ônibus que diariamente trafegam trazendo estudantes das cidades mais próximas. Não apresentaremos estes dados aqui, pois não são dados fixos, nem oficiais, entretanto não se pode esquecer a importância destes. Pode-se questionar que o grande número de excursões revela a insuficiência do atendimento rodoviário oficial que não consegue abranger toda a demanda. De qualquer forma, mais uma vez, acentua-se um fluxo destinado a um público específico.

Retomando agora a influência de Viçosa como centro de bens e serviços sobre as cidades de seu espaço regional mais próximo. Observa-se que comparando dados relativos ao PIB (a valores correntes) das cidades que compõe a microrregião de Viçosa, esta se destaca expressivamente em relação as outras. A figura 11 busca espacializar esses dados.

FIGURA 11: PIB: MICROREGIÃO DE VIÇOSA



Elaboração: Ítala Luzia de Andrade, 2015.

Em relação a sua microrregião a segunda cidade com maior PIB depois de Viçosa é Ervália, com R\$ 176.887,00, valor que se distancia muito dos R\$ 895.426,00 que despontam Viçosa nesta hierarquia dos PIBs. Estes dados dialogam com os vieses de análise das cidades médias propostos por alguns pesquisadores, como Sposito (2006) ao colocar que uma situação

geográfica favorável torna uma cidade média devido as cidades de seu entorno que acabam por impulsionar o crescimento da cidade central.

Outro dado importante, mas não central, é o quantitativo populacional que também destaca o papel polarizador de Viçosa em sua região. A partir dos dados oficiais do IBGE (2015), Viçosa apresenta 77.318 habitantes, salvo a população flutuante que não compõe a contagem, no quesito população é a maior cidade de sua microrregião, seguida por Ervália com 18.868 habitantes, Piranga com 17.864 habitantes e Porto Firme, Teixeira e Alto Rio Doce no limiar de 11.000 habitantes. As demais cidades da microrregião encontram-se abaixo dos 10.000 habitantes. Os próximos dois mapas visam demonstrar a comparação entre os PIBs das cidades da microrregião de Viçosa, bem como a população que a compõe.

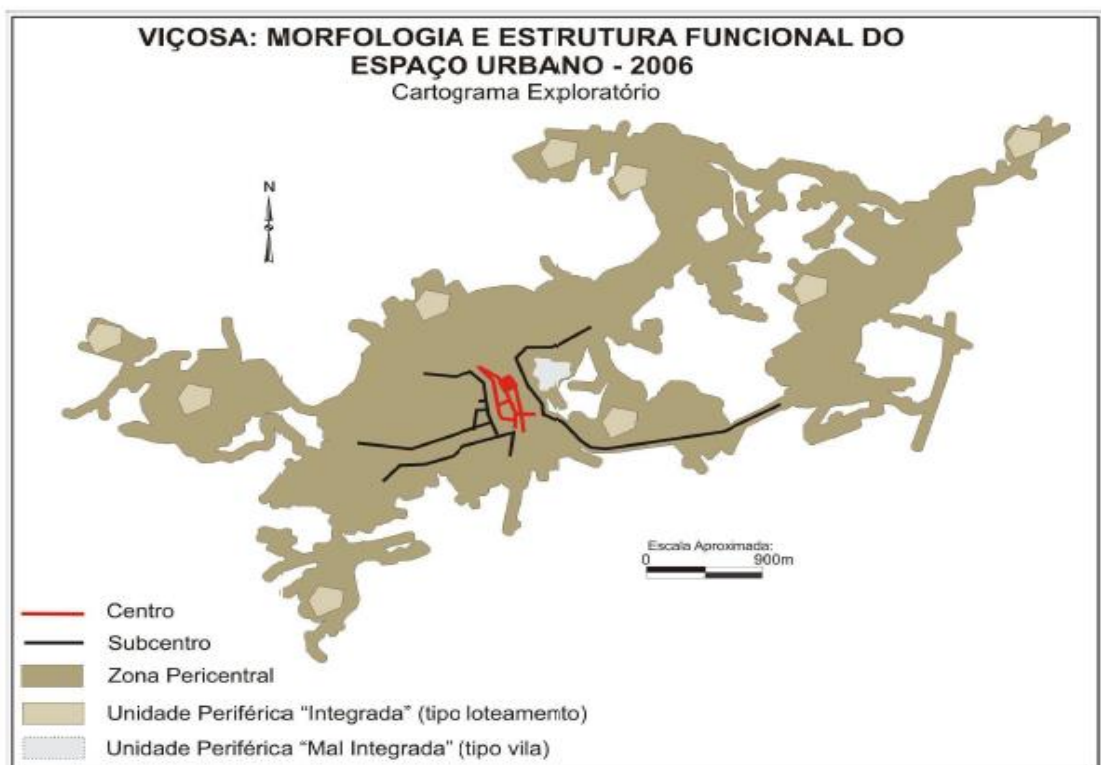
Diante do exposto, observa-se a posição central de Viçosa em relação as outras de sua região mais próxima não apenas enquanto eixo de entroncamento de rodovias. Por localizar-se numa microrregião composta por cidades com baixos índices de desenvolvimento que dependem dos bens e serviços disponíveis em Viçosa torna-se atrativa. Assim, entende-se que são os papéis desempenhados por Viçosa que também possibilitam a atração para concentração populacional.

5 O ZONEAMENTO MORFOLÓGICO FUNCIONAL DE VIÇOSA

Os dados analisados nos capítulos anteriores tiveram o propósito de elencar uma reflexão que contribuísse para a construção do zoneamento morfológico funcional da cidade de Viçosa. Entretanto, ainda é fundamental a utilização de outros importantes componentes das pesquisas geográficas, tais como, o trabalho de campo, a análise de imagens de satélite e fotografias que retratam a paisagem em suas mais abrangentes conotações.

Em tempo, é necessário ressaltar que mesmo não sendo o principal objetivo da corrente trabalho intenciona-se estabelecer um diálogo com o zoneamento morfológico funcional aplicado por Nelson Sena Filho no ano de 2006 em Viçosa (Figura 12). Modelo este que foi uma das variáveis da pesquisa que deu base a tese de doutorado do autor, onde ele elaborou uma comparação entre as cidades médias mineiras de Manhuaçu, Caratinga e Viçosa levando-se em conta sua hierarquia, sua complementaridade funcional, sua organicidade, suas tipologias e a consequente interação entre as cidades estudadas e suas redes de influência (SENA, 2006, p. 15).

FIGURA 12: ZONEAMENTO MORFOLÓGICO FUNCIONAL DE VIÇOSA – MG

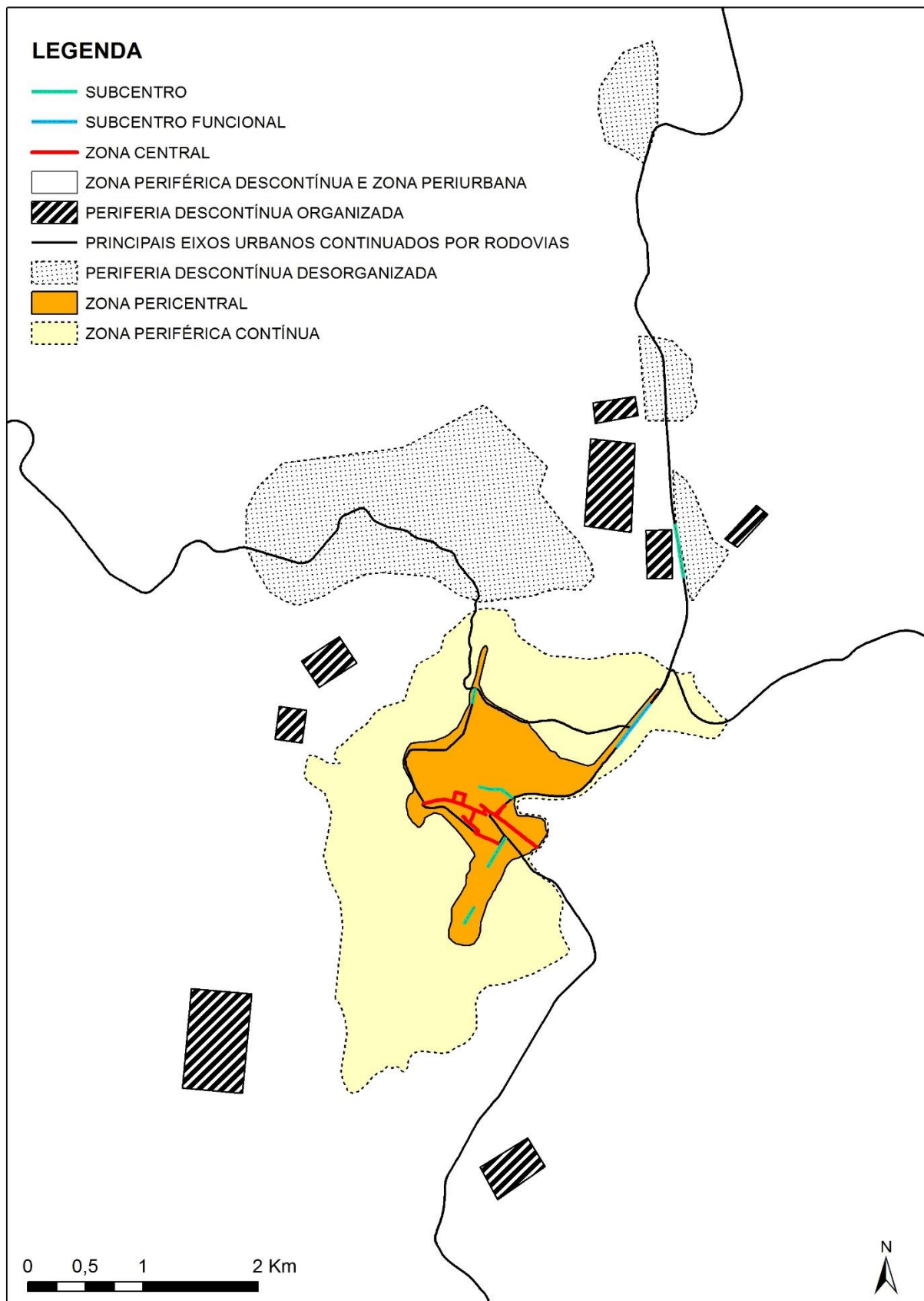


Elaboração: Nelson Sena Filho, 2006.

Como já constatado por outros pesquisadores e também neste trabalho, a cidade apresenta características particulares provenientes em decorrência da presença da Universidade Federal de Viçosa. Entretanto, a influência que esta instituição exerce sobre a cidade não é recíproca. As “quatro pilastras” que demarcam a entrada do *campus* são também divisores entre uma Viçosa da cidade e uma Viçosa da universidade. Adiciona-se a isso o fato da UFV possuir instituições financeiras, restaurantes, agência dos correios e supermercado, importantes equipamentos urbanos instalados com o intuito de tornar a UFV autossuficiente. Logo, por esses motivos a área pertencente ao *campus* não será considerada no zoneamento que se propõe.

Diante do exposto, se considerando as presentes observações, neste capítulo apresenta-se o modelo de zoneamento morfológico funcional do espaço intraurbano da cidade de Viçosa-MG (Figura 13). Afim de organizar a análise do modelo de zoneamento morfológico funcional partiremos da caracterização da zona central para as demais zonas, segundo a ordem da legenda do referido modelo e também a ordem de análise proposta por Amorim Filho.

FIGURA 13: ZONEAMENTO MORFOLÓGICO FUNCIONAL DE VIÇOSA – MG



Fonte: Trabalhos de campo da autora.
Elaboração: Ítala Luzia de Andrade, 2015.

Para Amorim Filho (2005), a Zona Central de uma cidade média pode ser definida da seguinte maneira:

Centro principal bem definido funcionalmente (forte presença de equipamentos “raros” de alcance regional); diferenciação funcional interna; paisagem e morfologia típicas (Construções em altura, maior densidade de construções; forte movimento de veículos e de pessoas, animação); função residencial superada pelas funções terciárias; centro com polarização pelo menos microrregional, podendo alcançar o nível regional de polarização. (AMORIM FILHO, 2005, p.60)

Os eixos elencados em Viçosa como componentes da Zona Central enquadram-se na proposta de Amorim Filho. Viçosa apresenta uma Zona Central dinâmica, com forte movimentação de pessoas e veículos principalmente em horários de pico. O centro de Viçosa concentra ainda equipamentos urbanos raros de atração microrregional. Chama-se atenção para o número de lojas de rede e franquias que vem se instalando em tal porção da cidade.

O variado e concentrado número de estabelecimentos do setor terciário também contribui para definição da zona central. A aglomeração de verticalizações é notável e se estende a outras áreas da cidade com menor contiguidade. Ainda sobre as construções em altura é importante observar que estas denotam uma paisagem híbrida. Assim, ao mesmo passo que se observa prédios modernos, ainda existem edificações que retratam a acelerada evolução pela qual a cidade passou, bem como a sucessão de mudanças nas leis de uso do solo que não se preocuparam em estruturar um padrão fisionômico para a cidade.

Villaça (1998), ao discutir o papel dos transportes na formação do espaço intraurbano, observa que geralmente o centro recebe a maioria dos fluxos de transporte. No caso de Viçosa isso não é diferente, os principais pontos de ônibus de ligação entre os bairros da cidade encontram-se na zona central.

No que tange a forma urbana da cidade em análise, é necessário observar que os centros urbanos são geralmente representados por meio de linhas tendo em vista mostrar que se tratam mais de eixos geradores de centralidade do que uma área circunscrita.

Isto posto, foram elencadas como áreas centrais em Viçosa os seguintes logradouros; Rua Benjamin Araújo, Praça Silviano Brandão, Praça do Rosário, Rua Arthur Bernardes (Calçadão), Travessa Sagrado Coração de Jesus (Calçadinho), Rua Sebastião Lopes de Carvalho, Vetor Sul da Av. Bueno Brandão, Marechal Castelo Branco (imediações do “shopping Chequer) e Av. Pether Henry Rolfs.

Com relação ao modelo elaborado por Sena (2006), depreende-se algumas diferenças principais, o autor considerou toda Av. Bueno Brandão como parte da área central, o que não se observa atualmente, mas não considerou a rua Sebastião Lopes de Carvalho em sua

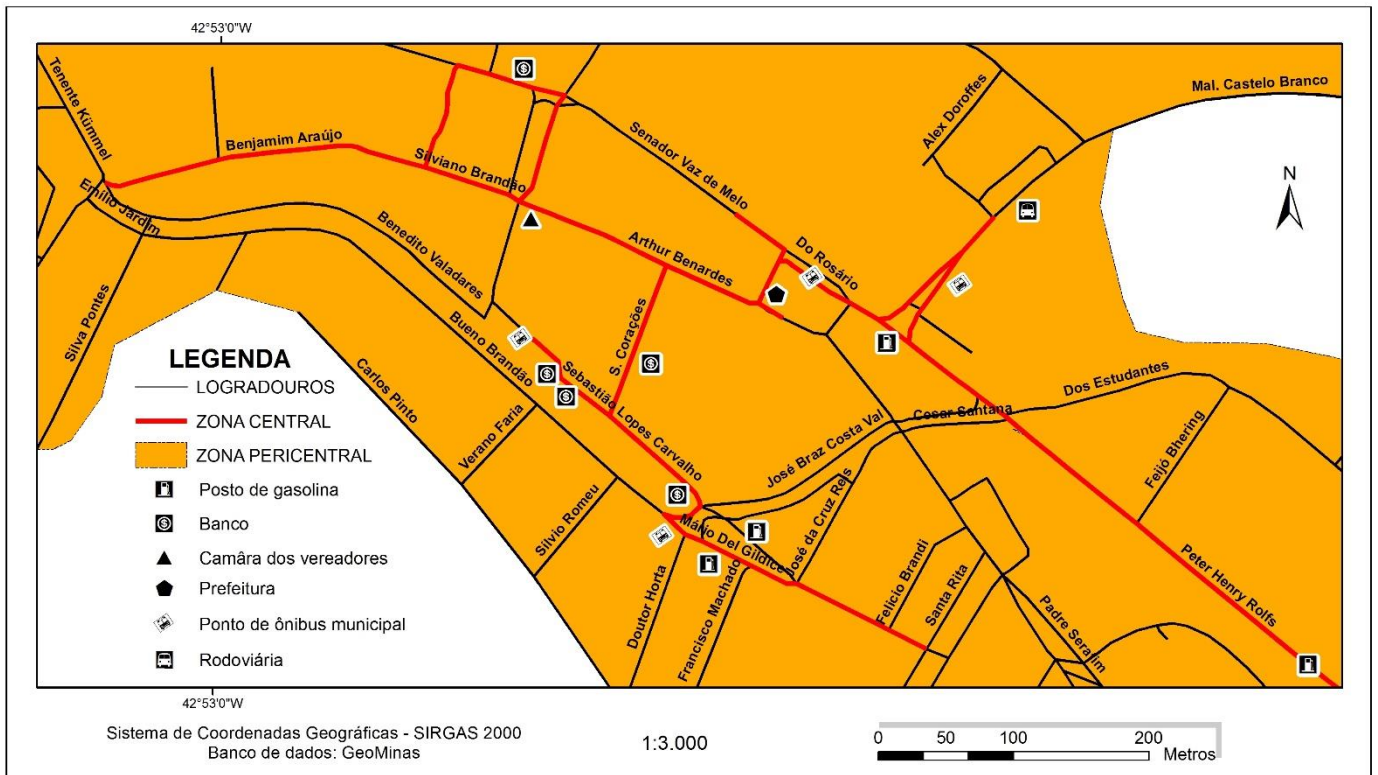
totalidade, área de concentração do setor financeiro da cidade com a presença de três agências bancárias de grande porte. Acrescenta-se a isso a não consideração do vetor sul da Av. Bueno Brandão que é onde se localiza o Posto de Gasolina Tiger, além de uma agência dos correios, uma casa lotérica, um laboratório de análises clínicas entre outras atividades terciárias geradoras de centralidade.

Nas imagens a seguir, intenciona-se demonstrar as características das paisagens que compõe a zona central de Viçosa. Como discutido no capítulo que visou caracterizar Viçosa do ponto de vista de sua evolução urbana, é notável que a zona central ocupa a planície fluvial da cidade e é uma das raras áreas planas em que o tecido urbano se desenvolveu.

Destarte, é importante ressaltar que a Avenida Peter Henry Rolfs, classificada aqui como eixo integrante da Zona Central, exerce um papel centralizador de destaque sendo a principal via de comunicação entre a cidade e a UFV e se estende até dentro do campus. Por esse motivo a maioria dos estabelecimentos comerciais presentes nesta avenida são em função da proximidade com a UFV e principalmente por ser uma área de concentração de repúblicas de estudantes.

Desta forma, a Av. P.H. Rolfs diferencia-se das outras áreas centrais onde a dinâmica da centralidade ocorre pela concentração de outros tipos de equipamentos urbanos. Tal constatação pode ser observada na figura 14 em que se preocupou em espacializar alguns dos principais equipamentos urbanos geradores de centralidade.

FIGURA 14: ZONA CENTRAL E EQUIPAMENTOS URBANOS



Fonte: Trabalhos de campo da autora.
Elaboração: Ítala Luzia de Andrade, 2015.

FIGURA 15:
ZONA CENTRAL - AV. P.H. ROLFS



Fonte: Trabalhos de campo da autora, 2015.

FIGURA 16:
ZONA CENTRAL – RUA BENJAMIN ARAÚJO



Fonte: Trabalhos de campo da autora, 2015.

FIGURA 17: ZONA CENTRAL
RUA ARTHUR BERNARDES (CALÇADÃO)



Fonte: Trabalhos de campo da autora, 2015.

FIGURA 18: ZONA CENTRAL
RUA ARTHUR BERNARDES (CALÇADÃO)



Fonte: Trabalhos de campo da autora, 2015.

FIGURA 19: PANORÂMIA DA ZONA CENTRAL

ZONA CENTRAL



Fonte: Bioclima, 2015.

A área delimitada enquanto Zona Pericentral em Viçosa também corresponde as características propostas por Amorim Filho para o Zoneamento morfológico funcional. A Zona pericentral, por se tratar de uma área de transição entre a Zona Central e a periférica, abarca funções mistas e é entendida pelo referido autor da seguinte maneira:

Extensa espacialmente; função residencial predominantemente; presença de subcentros especializados ou polifuncionais (estes últimos pequenos), ao longo dos eixos, de praças e de entroncamentos, diferenciação morfológica e paisagística em função de diferenças socioeconômicas; presença de equipamentos como hospitais, universidades, estações rodoviárias e ferroviárias, etc. (p.60)

Estas áreas diferenciam-se socioeconomicamente pela transitoriedade, as construções em altura estão presentes, mas não se observa a mesma densidade que na Zona Central, encontram-se pequenas e antigas residências em algumas partes. O fluxo de pessoas e veículos ocorre nos eixos de ligação com a Zona Central e com as vias de acesso que se tornam posteriormente rodovias. Na zona pericentral de Viçosa a expansão do tecido já começa a caminhar para terrenos mais declivosos, pois a planície fluvial de reduzida extensão encontra-se toda ocupada pela zona central e a UFV.

Para delimitação desta área primeiro foi preciso identificar os subcentros presentes na cidade, bem como os equipamentos supracitados. No que tange a forma que a Zona Pericentral assume pode-se observar que se trata agora de uma área, pois envolve além dos eixos dos subcentros os limiares que os circundam, formando assim uma extensa área entorno dos eixos da zona central. Assim sendo, identificou-se a presença de cinco subcentros principais na referida zona. Quatro subcentros polifuncionais, nos seguintes eixos; Av. Santa Rita, Rua Gomes Barbosa, Rua dos Passos, Rua Milton Bandeira e um subcentro funcional na Avenida Marechal Castelo Branco. Esta identificação dos subcentros foi importante para estabelecer-se os limites da zona pericentral

O subcentro da Avenida Santa Rita compreende uma série de estabelecimentos que atendem necessidades cotidianas dos residentes. Supermercado, padaria, farmácia, loja de informática, além de bares e lanchonetes que são atração não apenas para os moradores desta área. Cabe destacar que recentemente dois *Fast Foods* se instalaram nessa área: o Subway e o Digão.

O subcentro da Rua Gomes Barbosa também se enquadra como polifuncional com a presença dos estabelecimentos supracitados e ainda pela presença de uma casa lotérica que atende as necessidades financeiras mais imediatas da população. Nesta área estão presentes equipamentos como o fórum da cidade, a delegacia da Polícia Militar, a FDV – Faculdade de Viçosa e o colégio Equipe. A localização deste subcentro se dá no vetor norte da rua, alguns

metros após o entroncamento da referida rua com a Av. Santa Rita. No vetor sul da Rua Gomes Barbosa a função residencial é predominante, encontra-se antigas edificações em alguns pontos.

A Rua dos Passos é uma das primeiras áreas de ocupação da cidade. O padrão fisionômico desta área destaca-se pela presença de edificações de baixo gabarito e de idade elevada. A forte movimentação de veículos pode ser explicada pelo fato de ser um seguimento que alimenta a BR 356, além da proximidade com um dos hospitais da cidade, o São João Batista. Nesta área estão presentes comércios de bairro, aqueles que atendem as necessidades cotidianas da população, é constante a presença de pequenas mercearias e padarias, além de uma casa lotérica e um posto de gasolina.

A Rua Milton Bandeira é um importante eixo paralelo a zona central, pode ser classificado como um subcentro polifuncional, pois nele encontra-se um grande número de salas comerciais ocupadas por serviços profissionais superiores e clínicas de saúde. Lojas de móveis refinados e de decoração, alguns restaurantes e autoescolas também estão presentes. Em uma de suas extremidades encontra-se o Viçosa Shopping, centro comercial que abarca itens de vestuário, alimentação, o Colégio Anglo e o supermercado da rede Bahamas, um dos dois maiores da cidade. O padrão das edificações se assemelha com o da Zona central em alguns pontos, além disso é um eixo de ligação entre a Av. Marechal Castelo Branco e a Rua dos Passos.

O último importante eixo presente nesta área se trata da Marechal Castelo Branco, via de expansão e ligação o entre o centro e o vetor norte da cidade, sendo sua continuidade a BR 120. Por esse motivo a movimentação de veículos de todos os portes é frequente e a circulação de pedestres ocorre de forma modesta. A principal característica deste subcentro é sua especialização em estabelecimentos de comércio voltados para veículos automotores que são quase totalidade dos estabelecimentos presentes nesta área. A função residencial

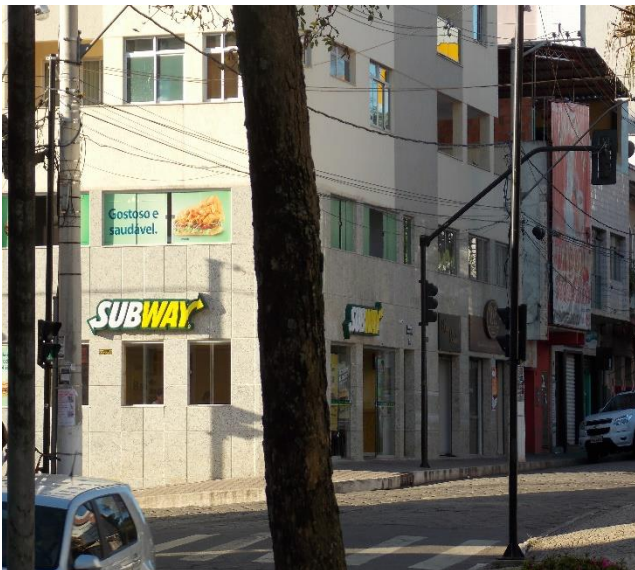
As imagens que seguem têm a intenção de demonstrar as particularidades do o espaço que compõe a Zona Pericentral do zoneamento morfológico funcional de Viçosa.

FIGURA 20: ZONA PERICENTRAL (SUBCENTRO)
AV. SANTA RITA



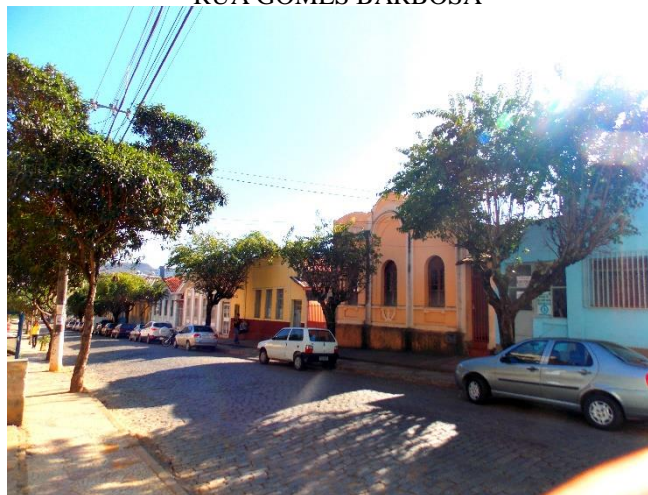
Fonte: Trabalhos de campo da autora, 2015.

FIGURA 21: ZONA PERICENTRAL (SUBCENTRO)
AV. SANTA RITA



Fonte: Trabalhos de campo da autora, 2015.

FIGURA 22: ZONA PERICENTRAL
RUA GOMES BARBOSA



Fonte: Trabalhos de campo da autora, 2015.

FIGURA 23: ZONA PERICENTRAL (SUBCENTRO)
RUA GOMES BARBOSA



Fonte: Trabalhos de campo da autora, 2015.

FIGURA 24: ZONA PERICENTRAL (SUBCENTRO)
RUA DOS PASSOS



Fonte: Trabalhos de campo da autora, 2015.

FIGURA 25: ZONA PERICENTRAL (SUBCENTRO)
RUA MILTON BANDEIRA



Fonte: Trabalhos de campo da autora, 2015.

A zona periférica no modelo de Amorim Filho se desenvolve de duas formas, uma contínua e outra descontínua. A periferia contínua é aquela que envolve diretamente a zona pericentral, a contiguidade do tecido urbano é o que a diferencia da periferia descontínua que são as áreas onde se tem algum distanciamento da principal área de concentração do tecido urbano. A periferia contínua geralmente se trata de unidades que num momento passado não se integravam ao tecido urbano e com expansão deste integrou-se à aglomeração.

A periferia contínua de Viçosa está compreendida entre os limites da zona pericentral e até onde a porção aglomerada do tecido urbano se estende. No modelo analisado aqui considerou-se como limites desta periferia contínua os bairros; Bom Jesus, Estrelas, Sagrada Família, Santa Clara, o Morro do Pintinho e o bairro Santo Antônio (Cantinho do céu) (Figuras 26, 27, 28 e 29).

A zona periférica descontínua para Amorim Filho (2005) encontra-se dividida em duas principais unidades, uma organizada e outra desorganizada, mas ambas “desprendidas” do tecido urbano aglomerado que compreende as áreas já discutidas. As periferias organizadas são consideradas pelo autor provenientes de loteamentos e as desorganizadas são áreas que se assemelham a favelas. Assim sendo, o autor as classifica da seguinte maneira:

“descontínua ou polinuclear, formada por loteamentos (unidades organizadas) ou “vilas” (desorganizadas e, em certas regiões, verdadeiras favelas); presença de subcentros polifuncionais bem modestos (comércio e serviços de vizinhança) e de alguns subcentros especializados; extensão proporcional ao nível hierárquico e tamanho da cidade.” (p.60)

A periferia descontínua organizada por se tratar de uma área decorrente de loteamento enquadra-se nesta categoria tanto os condomínios fechados e bairros de alto padrão como as áreas loteadas para construção de conjunto habitacionais. Assim sendo a periferia descontínua organizada de Viçosa aponta para o padrão encontrado em bairros como Nova Viçosa, Coelhas, Parte do João Brás, Acamari, Vale do Ypê, entre outros (Figuras 30, 31, 32 e 33).

No que tange as periferias desorganizadas em Viçosa considerou-se que esta forma do modelo pode compreender áreas como Novo Silvestre, Liberdade, a vertente leste do João Brás, Barrinha, Escorpião e Laranjal. É importante destacar que o modesto distrito industrial de Viçosa encontra-se na Barrinha. Os bairros Silvestre, Liberdade e João Brás contam com a presença de um subcentro que se potencializa cada vez mais com uma variedade de serviços que se instalam principalmente pela presença da UNIVIÇOSA, provável equipamento de ensino propulsor da expansão da cidade neste vetor norte (Figuras 34, 35 e 36).

A próxima e última zona que compreende o modelo de Amorim Filho (2005) se trata da Periurbana, caracterizada pelo autor da seguinte maneira:

Presença de uma zona de transição urbanorural mais ou menos extensa, e que se confunde, nas imediações da cidade, com a periferia polinuclear e descontínua; presença de alguns equipamentos terciários pontuais; aumento das casas de campo, de clubes campestres e hotéis fazenda; diminuição das fazendas e aumento das pequenas propriedades com produtos para cidade média. (p.60)

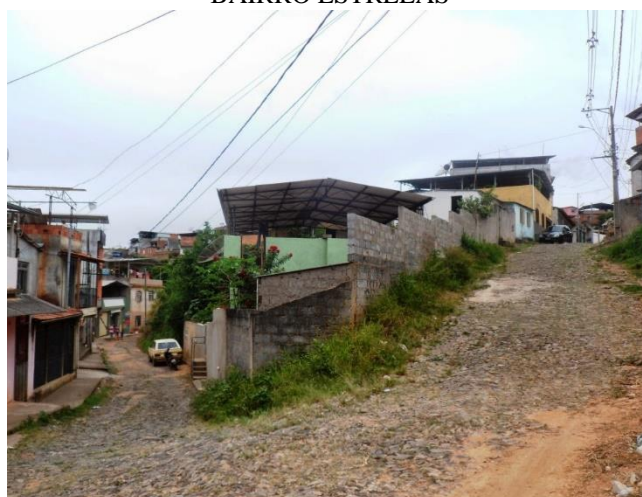
As áreas para além dos limites das zonas periférica contínua e descontínua de Viçosa podem ser entendidas no âmbito das características elencadas por Amorim Filho para classificar a Zona Periurbana. Que seriam em linhas gerais áreas de transição entre o meio urbano e rural. A Violeira e o Paraíso são exemplos da tendência dessas áreas em Viçosa.

FIGURA 26: ZONA PERIFÉRICA CONTÍNUA
BAIRRO BOM JESUS



Fonte: Ítalo Stephan, 2015.

FIGURA 27: ZONA PERIFÉRICA CONTÍNUA
BAIRRO ESTRELAS



Fonte: Ítalo Stephan, 2015.

FIGURA 28: ZONA PERIFÉRICA CONTÍNUA – OESTE
DO BAIRRO SANTO ANTÔNIO



Fonte: Ítalo Stephan, 2015.

FIGURA 29: ZONA PERIFÉRICA CONTÍNUA
LESTE DO BAIRRO SANTO ANTÔNIO



Fonte: Bioclima, 2015.

FIGURA 30: Z. P. DESCONTÍNUA ORGANIZADA (LOTEAMENTO) – CONDOMÍNIO VALE DO YPÊ



Fonte: Trabalho de Campo da autora, 2015.

FIGURA 31: Z. P. DESCONTÍNUA ORGANIZADA (LOTEAMENTO) – ACAMARI



Fonte: Flickr.

FIGURA 32: Z. P. DESCONTÍNUA ORGANIZADA (LOTEAMENTO) – BAIRRO NOVA VIÇOSA



Fonte: Ítalo Stephan, 2015.

FIGURA 33: Z. P. DESCONTÍNUA ORGANIZADA (LOTEAMENTO) – COELHAS



Fonte: Google Earth (Street View), 2015.

FIGURA 34: Z. P. DESCONTÍNUA DESORGANIZADA (VILA/FAVELA) – VALE DO SOL



Fonte: Ítalo Stephan, 2015.

FIGURA 35: Z. P. DESCONTÍNUA DESORGANIZADA (VILA/FAVELA) – UM DOS ACESSOS AO BAIRRO SÃO JOSÉ



Fonte: Google Earth (Street View), 2015.

FIGURA 36: ZONA PERIFÉRICA DESCONTÍNUA DESORGANIZADA (VILA/FAVELA) – AMORAS, BOA VISTA (ESCORPIÃO) E SÃO JOSÉ (LARANJAL)



Fonte: Google Earth (Street View), 2015.

Destarte, Viçosa, mesmo com suas particularidades, se enquadra nos padrões definidos por Amorim Filho para o modelo de zoneamento morfológico funcional de uma cidade média mineira. Ao se comparar o modelo elaborado por Sena Filho em 2006, depreende-se uma diferença significativa da presente proposta principalmente do ponto de vista da área pericentral. Entretanto, esta observação é proveniente da análise do modelo proposto pelo autor e pela discussão elaborada por ele a respeito das áreas, mas não se sabe ao certo quais bairros e logradouros ele considera como parte das zonas do modelo. Logo, é conveniente não promover uma comparação das demais áreas além da central, tendo em vista que não se teve acesso aos detalhes da análise do autor e que a interpretação da forma pela forma não contemplará a proposta.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como sinalizado desde o início da construção do presente trabalho, o objetivo é ir além de aplicar o modelo de zoneamento morfológico funcional e assinalar suas possibilidades e limitações para a problematização de Viçosa-MG como uma cidade média.

Para concretizar a construção do modelo foi necessário antes discutir importantes variáveis que serviram para entender o papel de Viçosa. Assim sendo, ao observar os capítulos que visaram caracterizar a cidade sob suas conotações funcionais, morfológicas e regionais depreende-se importantes considerações.

Viçosa possui a evolução de seu tecido urbano marcada por períodos de crescimento e consolidação da UFV. Uma evolução regada sob interesses que muitas vezes desconsideram as condições geomorfológicas sob as quais a cidade se estrutura, bem como a população carente que em diferentes períodos foi afastada de alguma qualidade de vida urbana existente na cidade.

A funcionalidade de Viçosa enquanto centro de serviços terciários e educacionais a coloca num patamar passível de ser entendida enquanto uma cidade média. A influência que estas funções exercem sob seu espaço microrregional e até mesmo o nacional/internacional (ao se considerar unicamente a influência da universidade) são características que acentuam e atualizam o papel de Viçosa na rede urbana. A zona central, por exemplo, se expande e é diversificada pela decorrência do número de pessoas e localidades que se descolam para esta área para ter acesso aos “equipamentos raros” ali presentes.

O número de viagens diárias de ônibus partindo de Viçosa demonstra que além da população de sua região mais próxima, que consome diferentes bens e serviços que não existem em suas cidades, viagens para grandes centros também compõe este arsenal, principalmente devido a presença da UFV.

No que tange ao modelo, pode-se observar que a principal possibilidade se trata da caracterização de Viçosa como uma cidade média, fato que já vem sendo assinalado por Amorim Filho e Rigotti (2003), Sena (2006). Ao se considerar Viçosa enquanto cidade média, as escalas de planejamento e gestão urbana podem partir para análises e proposições mais abrangentes, não se restringindo a mecanismos de planejamento que consideram apenas a hierarquia urbana baseada em dados demográficos que a classificam enquanto uma cidade pequena. Com isso, os gestores públicos podem procurar estratégias já em execução em outras cidades deste mesmo patamar pertencentes a Zona da Mata Mineira e a ao estado de Minas Gerais para implementação de propostas de intervenção e planejamento urbano.

A classificação da zona central, pericentral e dos subcentros também pode ser entendida como uma possibilidade/potencialidade do modelo. Ao se pensar acerca dos estudos existentes que tratam da caracterização de diferentes áreas do espaço intraurbano encontraremos incisivas descrições sobre as áreas de zoneamento das grandes cidades e também das cidades médias, mas um tipo de cidade média que evolui em outras escalas – um exemplo disso são as cidades médias de São Paulo estudadas pela ReCime. Dessa forma, a proposta que Oswaldo coloca para

a classificação de áreas centrais e subcentros em seu modelo visa contemplar as cidades médias mineiras que acompanham o diverso desenvolvimento das regiões do estado.

A principal limitação na utilização de um modelo para o entendimento do espaço intraurbano é a impossibilidade de análises mais dinâmicas, devido ao caráter estático e redutor da realidade que esse pressupõe. A maior dificuldade para elaboração do modelo foi na identificação das áreas periféricas. As descrições propostas para o modelo de zoneamento morfológico funcional são abrangentes de forma tal que não são capazes de revelar as diferentes realidades existentes nas zonas periféricas. A que se considerar que o fato de condomínios e unidades construídas para conjuntos habitacionais não deveriam estar numa mesma classificação a de “Zona Periférica Organizada” apenas por ambos serem provenientes de loteamentos. O maior questionamento se deu a respeito das condições socioeconômicas que constroem estes espaços, existe uma enorme discrepância que não se evidencia no modelo. Assim, como se pode observar na caracterização desta área para o modelo não se observa específicas informações sobre estas áreas. Desta forma, seria necessário afinar a descrição das Zonas Periféricas para classificação de bairros que apresentem um número maior de características semelhantes.

Outra limitação diz respeito a classificação dos distritos São José do Triunfo e Cachoeira de Santa Cruz, ambos localizados a uma considerável distância da aglomeração urbana e com características que confundem sua classificação como periferia descontínua ou zona periurbana. Diante do exposto, acredita-se que para correta classificação dessas áreas seria necessário um estudo mais aprofundado sobre as características destes lugares que poderiam enquadrá-la em algumas das áreas de zoneamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SABER, Aziz. **Os domínios de natureza no Brasil – potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 63p.

ALENCAR, A. **Nos alvores da história de Viçosa**. s/ed., 1989. 56p.

ALENCAR, A. **Fatos e Vultos de Viçosa**. Belo Horizonte: Estabelecimentos Gráficos Santa Maria, 1959. 129p.

ALVES, M. A. S. ; DINIZ, A. M. A. . O ZONEAMENTO MORFOLÓGICO FUNCIONAL DAS CIDADES MÉDIAS MINEIRAS: O EXEMPLO DE BARÃO DE COCAIS. **Sociedade & Natureza**, v. 20, p. 79-91, 2008.

AMORIM FILHO, O. B. . Cidades médias e a organização do espaço no Brasil. : Revista **Geografia e Ensino**, Belo Horizonte, v. 2, n.5, p. 5-34, 1984.

AMORIM FILHO, O. B. Origens, evolução e perspectivas dos estudos sobre as Cidades Médias. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org.). **Cidades Médias: espaços em transição**. 1ed.São Paulo: Expressão Popular, 2007, v. , p. 69-87.

AMORIM FILHO, O. B. Os Eixos de Desenvolvimento em Minas Gerais e suas Tecnópoles. In: 5 Encontro Nacional de Prática de Ensino da Geografia, 1999, Belo Horizonte. **Anais do 5 Encontro Nacional de Prática de Ensino da Geografia**. Belo Horizonte: PUC-Minas - Departamento de Geografia, 1999. v. Único. p. 35-52.

AMORIM FILHO, O. B. ; ABREU, J.F. . Cidades Médias e Descentralização Tecnológica. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 12, n.18, p. 5-14, 2002.

AMORIM FILHO, O. B. Um esquema metodológico para o estudo das Cidades Médias. In: **II Encontro Nacional de Geógrafos**, 1976, Belo Horizonte. Resumo de Comunicações e Guias de Excursões. Belo Horizonte: AGB - Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1976. v. Único. p. 6-15.

AMORIM FILHO, O. B. ; RIGOTTI, J.I.R. . Os Limiares Demográficos na Caracterização das Cidades Médias. **Caderno de Geografia (PUCMG)**, Belo Horizonte - MG, v. 13, n.20, p. 21-37, 2003.

AMORIM FILHO, O. B; SENA FILHO, N. **A morfologia das cidades médias**. Goiânia: Ed. Vieira, 2005.

APOLINÁRIO, FLÁVIO. **A rede urbana da mesorregião do Vale do Mucuri**: uma proposta de hierarquização por meio de técnicas de estatística multivariada. 2011. 180p. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

BATELLA, Wagner Barbosa. **Os limiares das cidades médias reflexões a partir da cidade de Teófilo Otoni MG**. Presidente Prudente – SP, 2013. Tese de doutorado, área: produção do

espaço geográfico. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, campus de Presidente Prudente. P. 29-56.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2004. 79p.

DINIZ, Clélio Campolina (1993). "Desenvolvimento poligonal no Brasil: nem desconcentração, nem contínua polarização". **Nova Economia**. Belo Horizonte, v. 3, n. 1, set. p. 35-64.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Divisão Regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas**. Vol. 1, Rio de Janeiro, 1990.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Regiões de Influência das cidades**: Revisão atualizada do estudo Divisão Funcional do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas. Rio de Janeiro: IBGE, 1987.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Regiões de Influência das cidades 1993**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Regiões de Influência das cidades 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

MELLO, FERNANDO ANTONIO OLIVEIRA. **Análise do processo de formação da paisagem urbana do município de Viçosa, Minas Gerais**. 2002. 103p. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Ciência Florestal – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa - MG.

M. G. Bradford, W. A. Kent. Teoria dos lugares centrais: O modelo de Christaller. In: **Geografia Humana: Teorias e suas aplicações**. Gradiva, Lisboa, 1987. P. 17-45

MOTTER, C. ; BATELLA, W. Descentralização e novas centralidades em cidades médias: o caso do subcentro da avenida São Pedro em Chapecó-SC. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 42, p. 612, 2015.

MOTTER, C. ; A estrutura intraurbana de uma cidade média: uma análise a partir da aplicação do modelo morfológico-funcional na cidade de Chapecó-SC. In: VII Congresso Brasileiro de Geógrafos: A AGB e a geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos, 2014, Vitória - ES. **Anais do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos**, 2014.

OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de ; SOARES, Beatriz Ribeiro . Cidade média: apontamentos metodológicos e tipologia. **Caminhos de Geografia (UFU)**, v. 15, p. 119-133, 2014.

PATERSON, J.H. Atividades terciárias: serviços e cidades. In: **Terra, Trabalho e Recursos; Uma introdução à Geografia Econômica**. Rio de Janeiro: 1975. P. 292-312.

RACINE, Jean-Bernard. Le modèle urbain américain. Les mots et les choses. In: **Annales de Géographie**, t. 80, n°440, 1971. pp. 397-427.

REGO, R. L.; MENEGUETTI, K. S. . A respeito de morfologia urbana. Tópicos básicos para estudos da forma da cidade. **Acta Scientiarum**. Technology (Online), v. 33, p. 123-127, 2011.

ROCHA, C. S.; FIALHO, E. S. Perfil termohigrométrico em uma cidade de pequeno porte em situação sazonal de inverno-2011 o caso de Viçosa. **Revista GeoNorte**, v. 4, p. 1009-1021, 2012.

SANTOS, Milton. **A urbanização Brasileira**, São Paulo: Hucitec, 1993. P. 57-90

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: espaço e tempo, razão e emoção**. 3ª ed. São. Paulo: Hucitec, 1999. 384p.

SANTOS, MILTON. **Metamorfozes do Espaço Habitado**. HUCITEC, São Paulo, 1988. (5ªedição; 1997)

SANTOS, Antonio Raimundo. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

SENA FILHO, N. **Geografias Urbanas Comparadas no Leste Mineiro: Caratinga, Viçosa e Manhuaçu**. 2006. 260p. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SILVA, F. V. "Raízes Históricas" da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais: a origem da ESAV e a invenção do produtor rural mineiro moderno (1920-1929). In: **V Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2008, Aracaju. O Ensino e a Pesquisa em História da Educação. Aracaju: Editora da UFS, 2008. p. 1-15.

SILVA, MEDELIN LOURENA. **EXPANSÃO DA CIDADE DE VIÇOSA (MG): a dinâmica centro-periferia**. 2014. 149p. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Geografia – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória - ES.

SOARES, B. R. ; OLIVEIRA, H. C. M. ; RIBEIRO FILHO, V. ; SOUZA, M. V. M. O setor terciário da cidade média: o caso da cidade de Uberlândia (Br. In: BELLET Sanfeliu, Carmen; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org.). **Las ciudades medias o intermedias en un mundo globalizado**. LLEIDA: Edicions de la Universitat de Lleida / UNESCO, 2009, v. 1, p. 107-124.

SOBARZO, Oscar. As cidades médias e a urbanização contemporânea. **Cidades** (Presidente Prudente), v. 8, p. 277-292, 2008.

SOJA, Edward W. **Geografias Pós-Modernas: A redefinição do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993. P. 191-227

SPOSITO, M. Encarnação Beltrão. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: Maria Encarnação Beltrão Sposito. (Org.). **Urbanização e cidades: perspectivas geográficas**. Presidente Prudente: GASPERR, 2001, v. 1, p. 609-643.

SPOSITO, M. Encarnação Beltrão. Cidades médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. In: Maria Encarnação Beltrão Sposito. (Org.). **Cidades médias: espaços em transição**. 1ed.São Paulo: Expressão Popular, 2007, v. 1, p. 233-253.

SPOSITO, M. Encarnação Beltrão. **Para pensar as pequenas e as médias cidades brasileiras**. 1. ed. Belém: FASE e UFPA, 2009. v. 1. 57p .

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Novas formas comerciais e a redefinição da centralidade intraurbana. In: _____ (Org). **Textos e Contextos para a leitura geográfica de uma cidade média**. Presidente Prudente: [s.n.]. 2001.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. **Revista Geografia**, São Paulo, UNESP, n. 10, p. 1-18, 1991.

SPOSITO, M. E. B. ; SPOSITO, E. As. . Reestruturação econômica, reestruturação urbana e cidades médias. In: **XII Seminário da Rede Iberoamericana de Pesquisadores sobre Globalização e Território (RII)**, 2012, Belo Horizonte. Trabalhos. Belo Horizonte: UFMG, 2012. v. 1. p. 1-17

TEIXEIRA, MARIA ILMALÚCIA. **Indicadores pedoambientais do planalto de Viçosa como auxílio à educação ambiental**. 2005. 95p. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Solos e Nutrição de Plantas - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa - MG.

VILLAÇA, Flávio (1998). **Espaço intra-urbano no Brasil**. Studio Nobel, São Paulo.

WHITACKER, Arthur Magon; MIYAZAKI, V. K. . O estudo das formas da cidade no âmbito da Geografia Urbana. Apontamentos metodológicos. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território**, v. 2, p. 307-327, 2012.

MIYAZAKI, Vitor Koiti. **Estruturação da cidade e morfologia urbana : um estudo sobre cidades de porte médio da rede urbana paulista**. Presidente Prudente, 2013. 305 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. P. 18-59.

Sítios eletrônicos consultados

BIOCLIMA (Laboratório de Biogeografia e Climatologia. Trabalhos de campo. Disponível em < <http://bioclimaufv.blogspot.com.br>>. Acesso em 15 de outubro de 2015.

CENSUS (Centro de Promoção do Desenvolvimento Sustentável). Publicações. Disponível em <www.censusvicosa.com.br>. Acesso em agosto de 2015.

DIRETORIA DE REGISTRO ESCOLAR. Relatório UFV. Disponível em < www.dti.ufv.br>.

DNIT (Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes). Infraestrutura Rodoviária. Disponível em < www.dnit.gov.br>.

Empresa UNIDA. Venda de passagens. Disponível em: <www.empresauuida.com.br>. Acesso em 07 de abril de 2015.

IBGE. IBGE Cidades. Disponível em: <www.cidades.ibge.gov.br>. Acesso em setembro de 2015.

IBGE. Censo Demográfico. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em setembro de 2015.

ÍTALO STEPHAN. Por Amor às cidades. Publicações. Disponível em <italostephanarquitecto.blogspot.com.br>.

JOSÉ MARIA DA SILVA RANGEL. O passado compassado de viçosa. Disponível em <opassadocompassadodevicosa.blogspot.com.br>.

PREFEITURA DE VIÇOSA. Do Café à Cidade Polo Educacional. Disponível em: <www.vicosamg.gov.br>.

Viação Pássaro Verde. Venda de Passagens. Disponível em: <www.passaroverde.com.br>. Acesso em 06 de abril de 2015.

Viação Águia Branca. Comprar passagem. Disponível em: <www.aguiabranca.com.br>. Acesso em 08 de abril de 2015.

ANEXO

FORMULÁRIO DE CAMPO

Data:	Horário de Início:	Horário de término:
Bairro:	Rua:	

Construções em altura	Sim () Não()
Diferença morfológica e paisagística em função de diferenças sócio-econômicas	Sim () Não()
Forte movimentação de veículos e pessoas	Sim () Não()
Função residencial superada pela terciária	Sim () Não()
Hospital	Sim () Não()
Universidade/faculdade	Sim () Não()
Casas de campo	Sim () Não()
Clubes campestres	Sim () Não()
Hotéis-fazenda	Sim () Não()
Presença de indústria	Sim () Não()

ATIVIDADE	CONTAGEM	TOTAL
Açougue		
Agências de financiamento		
Agência de turismo		
Alimentação		
Auto peças		
Bancos		
Bazar e Presentes		
Bicicleta		
Caixa eletrônico		
Chaveiro		
Clínica		
Cosméticos		
Cursos de línguas		
Estabelecimentos voltados para o campo		
Farmácia		
Imobiliária		
Informática e celular		
Joalheria e ótica		
Laboratório de análises clínicas		
Lotérica		
Materiais de construção		
Mercado		
Móveis e eletrodomésticos		
Papelaria e copiadora		
Posto de gasolina		
Pré-vestibular		
Revenda de veículos		
Salão de beleza		
Serviços profissionais superiores		
Vestuário		

